**OLHAR O MOMENTO HISTÓRICO**

**Mundo em descontrole?**

Carlos Francisco Signorelli[[1]](#footnote-1)\*

Comissão de Assessoria Permanente - CNLB

A partir da década de 60, na América Latina, segmentos importantes e bastante numerosos de cristãos oriundos da Ação Católica e das palavras do Concílio, principalmente de seu último documento, a *Gaudium et Spes*, buscavam uma prática que os direcionasse, bem como ao mundo, no rumo do Reino anunciado por Jesus, do qual eram sinais e instrumentos (*Lumen Gentium*, 31). A utopia do Reino de Deus e as visões do mundo e da história que hoje chamamos de “utopias” moviam-nos e davam-lhes segurança no passo seguinte de seu caminhar. Então, fazer política era buscar alcançar esta ou aquela vitória, este ou aquele objetivo já estabelecido de antemão e já vivenciado por outrem.

A chamada “Teologia da Libertação” era o instrumental teórico que os fazia pensar o mundo e sua ação a partir da Palavra de Deus e a partir do processo histórico do Povo de Deus.

Mas, vamos afirmar, com certa segurança, que as utopias entraram em crise, e aquelas que buscavam a libertação dos pobres e dos oprimidos entraram em crise mortal a partir da década de 70. Estão mortas?! O que foi não pode ser mais o que será. Nós é que temos que construir a teoria e a prática, a partir das opções que garantem a vida do outro, do não, do pobre, do oprimido.

Assim, para o cristão, fazer política, hoje, é construir as estruturas e as práticas que precisamos, caso seja um mundo novo o que queremos, e caso sejam os pobres que desejamos tornar sujeitos no processo histórico. E nada disso nos vem com fórmulas prontas, azeitadas, estabelecidas nas práticas dos lutadores anteriores. O que vem, virá com a nossa prática!

Uma primeira preocupação está no fato de que muitos de nós nos contentamos com uma análise conjuntural, ou seja, um olhar sobre o presente. Neste, vemos a história apenas como uma sucessão de eventos, praticamente desligados entre si. Vemos o agir dos protagonistas, como se fossem verdades históricas, quando, muitas vezes, são marionetes. Pautamos nossa prática e nossas discussões a partir do que a mídia nos fala, como se fosse verdade, quando aquilo tudo que ela nos faz ver é a sua verdade, é aquilo que a ela interessa que vejamos.

Se a análise conjuntural não for acompanhada de uma outra, mais profunda, que busca as razões dos fatos presentes, ela não terá efetividade. Trata-se de buscar a análise estrutural dos acontecimentos. Em outras palavras, dizer que existe muita corrupção nos meios políticos brasileiros é uma obviedade. O necessário é buscar as causas, históricas e institucionais, no mínimo. Isto se faz numa análise estrutural em que se pergunta sobre a causa e não sobre o efeito, ao mesmo tempo em que se pergunta a quem interessa tais gestos e atitudes, tais ações políticas, ao mesmo tempo em que aflora uma outra pergunta: e quem está perdendo com tudo isso?

Por isso, dizemos que *toda conjuntura é fruto de uma estrutura e que todo olhar é fruto de uma opção*. Assim, desde já, queremos afirmar que, além do instrumental analítico absolutamente necessário para buscarmos as razões do que vemos, queremos acrescentar o olhar evangélico ao olhar analógico, como o fez o Papa Francisco em sua *Evangelii Gaudium*.

Além disso, acreditamos que vivemos um momento histórico extremamente questionante, e, por isso, queremos inicialmente olhar para ele, ou seja, olhar os acontecimentos que podem significar muito para nosso hoje e muito mais para nosso futuro.

**O MOMENTO HISTÓRICO QUESTIONANTE**

Durante a Idade Média, no período que se costuma denominar de Cristandade (séculos IX-XV), a Igreja não só é plenipotenciária economicamente como também o é das questões ideológicas, como por exemplo, sobre o que seja considerado verdade. O humano vive aqui na Terra mas é destinado ao Paraíso, lugar de delícias para onde irá após a morte caso não tenha cometido erros, quer sejam do lado humano quer sejam intelectuais. Não há mobilidade, quer seja espacial quer seja do lugar social. Nasce e vive a vida toda como seus pais, seja no castelo feudal seja como servo da gleba.

Quando aparecem os mercadores, comerciantes e, em seguida, os banqueiros (século XII) começa-se a viver, na cidade, naquilo que restou das invasões bárbaras, no burgo, outra forma de pensar o modo de vida e a busca da verdade. Mas será depois do século XVI que mudanças radicais vão se dar no quotidiano europeu. Outra forma de pensar o humano, suas relações com os demais, e sobre a sociedade que estão criando. O mundo aristocrático vai desaparecendo, junto com suas ideias, e avança inexoravelmente esta outra forma de pensar e interpretar o humano e o mundo, que, inicialmente, será denominada “*Iluminismo*”, que Kant[[2]](#footnote-2) vai interpretar como sendo a maioridade do Homem. É o momento histórico em que a Razão, divinizada, vai propiciar, ao humano, a construção do paraíso já aqui na Terra, na vida do homem.

Nesta forma de viver a civilização europeia, que será denominada “*Modernidade*” no século XIX, o EU cartesiano[[3]](#footnote-3) determina a realidade: “*Cogito, Ergo Sum” (Eu penso, logo, Eu existo),* e a razão é o instrumento da construção histórica. E a partir desses valores, vão ser pensadas formas de viver e construir a sociedade e o mundo. Quando a razão instrumental, no século XVIII, mostra a forma de produção através de maquinários e de homens e mulheres neles trabalhando, na Revolução Industrial, mostra também esses mesmos trabalhadores vivendo em pardieiros nas grandes cidades, sendo retirados do campo pra servirem de mão de obra nas fábricas. Para isso, os burgueses, habitantes do burgo, vão conseguir a aprovação da chamada “*Lei dos Cercamentos”,* que retira os camponeses e suas famílias das terras ancestrais onde nasceram e habitavam*,* e os empurra para as cidades, para viverem nos pardieiros conhecidos. Isto para deixarem as terras para os burgueses, que vão criar ovelhas mais rápido e tosá-las para suas fábricas de tecidos nas cidades, que vão exportar com imensos ganhos.

E esse sofrimento das famílias e seus filhos vai ensejar a busca, racional, de um outro mundo, de uma outra relação entre os humanos, de uma outra forma de produzir. Nada é impedido de ser pensado, dado que a crença na infinitude da razão humana crê que tudo pode ser obtido. Assim a crença num paraíso aqui na Terra, mas também projetos de vida melhor para os sofridos trabalhadores e trabalhadoras nas fábricas da Revolução Industrial, projetos esses que, no mais das vezes chegavam a construir, teoricamente, outros Estados, outras formas de produzir, de viver... Todos esses sonhos que alguns construíram como form de construir paraíso para as classes operárias, conforme a palavra de Kant, tudo isto foi chamado de “*utopias da modernidade*”.

Mas à medida que a História vai avançando vai-se vendo que tais utopias podem não ser realizáveis, mas sonhos humanos. Um golpe contra aquilo que era considerado grandioso, a razão humana, foi desmistificado pelas chamadas “grandes guerras”, Elas mostraram que a razão podia estar a serviço de outras propostas que não a paz e a concórdia. Além disso, mostrou-se, a razão, propensa a ficar ao lado de quem paga mais: o capital.[[4]](#footnote-4)

Assim, depois da 2ª. grande guerra, devastadora e absolutamente inumana, alguns começam a pensar que essa razão, denominada moderna, não só pode construir o bem, mas, manipulável, constrói quase sempre o mal. Assim nasce uma dúvida: estamos ultrapassando a modernidade? A modernidade, com sua razão absoluta, ainda tem algo a nos dizer? Ou os valores da modernidade já perderam a validade? Onde ficaram os sonhos de um mundo mais digno de ser vivido? Onde ficaram as utopias que, segundo crença, seriam construídas pela razão humana?

E os grandes discursos, as chamadas grandes narrativas: sonhos, socialismo, nova sociedade, paraíso aqui na terra? Os sonhos se desvaneceram, as utopias desapareceram e o humano sente-se só, vazio, perdido em sonhos que se desfizeram. É preciso viver a vida. Só. É a isso que Jean-François Liotard[[5]](#footnote-5) chama de “*Pós Modernidade”.*

**VIVEMOS EM CRISE**

Estamos em preparação para o VII Encontro Nacional do Laicato do Brasil. E não vivenciá-lo sem que tenhamos bem claro em que mundo estamos, em que mundo vamos colocar em prática o nosso agir de discípulos missionários. Viver o mundo de hoje é algo muito mais complexo que antes, principalmente se queremos pensar e agir a partir dos valores do Evangelho. O problema, hoje, não atinge mais só a nossa paróquia ou a nossa diocese, mas está atingindo todos os homens e mulheres, de todas as regiões, os homens e mulheres com suas famílias, seus empregos.

Há algum tempo que as nossas reflexões sempre nos levam a uma palavra que revela muito bem uma situação. Vivemos uma situação que a grande maioria dos pensadores chama de CRISE! E para exemplificar, vamos citar o texto de Carlo Bordoni e Zygmunt Baumann, “*Estado de Crise*”[[6]](#footnote-6). Por ele temos a impressão de que não só estamos vivendo uma crise que pode ser o ponto final de nossa existência, mas poderemos estar vivendo uma situação de extermínio, como nos fala Morin

Vamos fazer uma reflexão rápida sobre alguns itens que são momentos de reflexão de alguns dos pensadores que se mostram, sem o desejarem, pessimistas em relação ao mundo de hoje e ao nosso futuro. Isto para que possamos chegar ao nosso VII Encontro mais preparados e com mais idéias para nos construirmos como cristãos e cristãs e como membros do Conselho Nacional do Laicato do Brasil. E, fundamentalmente, para colocar o nosso organismo no campo de luta das necessárias transformações sociais, políticas e econômicas que, necessariamente virão.

**DEFININDO A CRISE**

Morin afirma que a crise é a forma de vivermos na sociedade atual. O próprio termo *desenvolvimento* só pode ser entendido quando, em seu bojo, está acontecendo a crise, a crise do passado, a construção do novo.[[7]](#footnote-7) Fala-se tanto em *crise* que corremos o risco de perder seu significado correto. Dizemos que o mundo está em crise, que a economia está em crise. Mas interessam-nos aqui algumas crises mais claras e precisas: a crise do Estado burguês e a crise da democracia.

Assim, também a *crise* da qual estamos falando. É comum dizer que muita gente está perplexa com os acontecimentos, com as pessoas, com as instituições. Parece que nada está como antes, parece que vivemos num mundo de egoístas, onde os valores perderam seu significado. E esse sentimento é comum a muita gente, no mundo todo.

É isso o que nos leva a dizer que estamos vivendo uma *crise* na nossa *civilização*, ou seja, todo o ambiente cultural, social, político, econômico, religioso em que vivemos está em processo de transformação, está se desfazendo do velho, das estruturas que aprendemos a conhecer e viver, para ir para outra estrutura civilizacional. Estamos vivendo a metamorfose do que foi questionado, e, queiramos ou não, indo para uma nova estrutura civilizacional.

Podemos dizer que *estamos deixando o velho e ultrapassando-o rumo ao novo*. A situação não é fácil, e a sensação de que nada está em seu lugar é muito próxima da realidade. Mas, *crise* não significa nem uma coisa boa ou nem má, mas apenas a passagem do velho, que não mais satisfaz, para o novo que ainda não está construído. Frente a isso, a pior ação é fazer de conta que nada está acontecendo, ou, então, desesperar-se. Afinal, é comum dizer que o novo será construído com nossa participação ou sem ela. Podemos ser sujeitos ou objetos da crise.

A crise é desestabilização, é questionamento de tudo o que aí está, das teorias às instituições. Ela exige, pois, um repensar total do homem sobre ele mesmo, sobre as teorias que assume e sobre as instituições que estão a seu alcance. Repensar é questionar para tornar novo o velho. Assim, o que é velho, a partir da crise, remodela-se para continuar existindo e surtindo os efeitos desejados. Por isso, nossa fé nos leva a ver toda crise como a iluminação do Espírito. Crise é a ante-sala do *novo*.

**1.Crise do Estado-Nação**

As estruturas políticas da modernidade refletem os interesses e aspirações da classe hegemônica: a burguesia, os habitantes do burgo. São construções válidas em sua essência, mas cuja prática sempre privilegiou as elites econômicas. O Estado moderno surge para dar garantias à burguesia hegemônica em suas relações comerciais com as demais culturas.

O Estado moderno, em seus três poderes, mais e mais tem sido um apêndice do poder econômico, das grandes fortunas e das grandes transnacionais capitalistas, que determinam o agir do Estado em seu favor, estabelecendo legislações e jurisprudências que lhes apetecem. Com o surgimento de novos sujeitos históricos, entre estes as classes subalternas, o Estado, enquanto dominado pelo processo econômico, é profundamente questionado. O Estado, tal como o conhecemos e vivemos ao longo dos últimos 3 séculos, é chamado Estado Moderno, pois vem em seguida à situação aristocrático-feudal na qual não existia uma centralização de poder e nem uma estrutura independente de poder. O Estado moderno é, pois, fruto da hegemonia burguesa na sociedade europeia.

O Estado tem entre suas obrigações constitucionais o dever de assegurar aos seus cidadãos e cidadãs um certo piso de condições de vida individual e de bem-estar social. No entanto, ele parece não ter capacidade, enquanto soberania, de fazer frente aos poderes paralelos, tanto internamente, mas muito mais dos grupos organizados em redes internacionais. Os exemplos aparecem continuamente e não somente nos países ditos periféricos mas até nas grandes potências militares e econômicas.

Economicamente, o Estado Nacional tornou-se alvo das armadilhas do capital globalizado, que vê nele antes uma fonte segura de rendimentos, por meio da dívida pública, do que uma instância de bem-estar social. Nenhuma medida econômica, social ou cultural pode ser tomada em nível nacional sem que se tenha em mente os humores e interpretações das grandes corporações. Além disso, qualquer medida num Estado pode gerar ações de desmobilização ou de debandada do capital internacionalizado, sempre em busca de mercados de trabalho e de consumo mais adequados à sua fome de lucros.

As grandes corporações são, hoje, superiores em poder político, econômico e logístico a quase todos os Estados. Algumas dessas corporações têm um faturamento bruto superior ao PIB da maioria dos Estados-membros da ONU. Esse poder econômico desestabiliza totalmente as estruturas político-administrativas, quer seja pelo seu movimento quer seja pela constituição de grupos político-partidários subsidiados a seu serviço, além do poder mobilizador das grandes corporações junto à grande mídia.

Mas não podemos deixar de dizer que, hoje, o Estado tem sido gravemente debilitado pelo pensamento neoliberal que afirma ser o Estado um empecilho à liberdade individual no mercado e propõe diminuir o Estado para aumentar o investimento na produção. Para esse pensamento, Reforma do Estado significa sua redução ao mínimo possível, um Estado enfraquecido, incapaz de sustentar políticas sociais e de regular o mercado globalizado, mas intacto nas suas funções ditas essenciais: econômicas (garantir a credibilidade da moeda), policiais (garantir a propriedade), jurídicas (fazer cumprirem-se os contratos), militares (defender a chamada segurança nacional) e diplomáticas (regular as relações internacionais). Em suma, um Estado fraco para as políticas sociais, mas forte bastante para dar sustentação ao mercado. Fica, então a pergunta: a quem interessa tal Estado? [[8]](#footnote-8)

**2.Crime organizado**

O crime organizado sempre foi um elemento de medo e de grandes preocupações. Vejam-se as máfias italianas, a Yakuza, máfia japonesa, que são motivo de grandes reflexões acerca do fruto de suas ações, de suas implicações no processo econômico e político, entre outras. Entretanto, no atual momento histórico, as ações mafiosas atingem ou podem atingir os próprios Estados e até continentes.

A partir da década de 70, com o que denominamos “revolução das comunicações”, pela informatização de tudo, também o crime organizado se apropriou desses grandes avanços tecnológicos. Mas podemos marcar o fim da União Soviética, acontecido como foi, como um momento extremamente inquietante, já que foi aproveitado pelo crime organizado, a partir das máfias russas, no roubo de armas de todas as espécies e periculosidades, inclusive a atômica, para a venda mundial. Muito embora não tenhamos ainda elementos claros do uso de tais armas, o que se sabe é que elas estão disseminadas, nas mãos do crime organizado no mundo todo, não tanto para o uso como para a venda.

Além disso, em conjunto com o mercado das drogas ilícitas, temos casos, seja o México nosso modelo, de que o crime organizado domina o Estado e os que detêm nele o poder.

**3.O Fim do Trabalho?**

No atual momento, vemos a opressão e o massacre dos trabalhadores e trabalhadoras que se dá de forma exponencial, por causa do que chamamos de Terceira Revolução Industrial, da informatização e da comunicação. Como nos diz o Papa Francisco, *essa economia mata*![[9]](#footnote-9) Dadas as possibilidades de comunicação em todos os níveis e por todos os instrumentos, as plantas fabris mudam sempre em busca de mão-de-obra mais próxima à escravidão, hoje, principalmente, na Ásia.

Segundo Rifkin,[[10]](#footnote-10) estamos na “era do acesso”, num capitalismo em rede, e construindo um mundo onde o emprego poderá desaparecer. Muito embora haja muitos questionamentos a respeito do fim dos empregos, entretanto o capitalismo em rede já questiona as plantas fabris e mesmo a forma de se trabalhar, incluindo o local.

As transformações que foram ocorrendo na produção capitalista, a partir da década de 70, geraram grandes e significativas mudanças, tanto no processo de produção como também nas condições de trabalho de homens e mulheres. Isto levou a um mundo do trabalho no qual vemos a extrema acumulação e concentração da riqueza, e, também, o crescimento do desemprego, a precarização do trabalho e o agravamento da pobreza.

Podemos dizer que

*“A globalização econômica evidenciou com mais intensidade os*

*novos mecanismos ideológico-políticos e econômicos utilizados*

*pelo capital para intensificar a produção e, ao mesmo tempo,*

*sufocar a organização dos trabalhadores. Através de estratégias de retroalimentação*

*do capital, tais como: a terceirização, a flexibilização, a informalidade,*

*a busca por mão-de-obra barata, o controle de qualidade, entre outras,*

*ela colaborou para o aumento da precarização,*

*da exploração do trabalho e do trabalhador brasileiro*.”[[11]](#footnote-11)

Com a criação de um mercado global, onde se produz e se vende tudo, os investimentos são muito grandes no aumento e na rapidez da produção. Daí o surgimento de uma automação sem fim. Esta faz com que o mercado de trabalho dê espaço a máquinas que substituem o trabalhador e a trabalhadora.

A robotização, anunciada no Forum de Davos, em 2016, já gerou milhões de desempregados, número este que poderá chegar a mais de 6 milhões até 2020. Carl Frey, pesquisador da Universidade de Oxford que estudou a ascensão de trabalho computadorizado, ganhou as manchetes quando previu que a automação colocaria até 47% de empregos americanos em "alto risco". Dadas as novas características do trabalho no mundo cibernético e no mundo da internet, já se fala que estamos na Quarta Revolução Industrial.

Assim sendo, quanto mais avança a substituição dos trabalhadores e trabalhadoras pelas máquinas e pelos robôs, mais avança o que alguns denominam de precarização do trabalho; outros, inclusive o Papa Francisco, chegam a falar de “descarte” do trabalhador. Em suma, o que estamos vendo no mundo atual é a constituição de uma massa de humanos não mais sendo oprimidos, sugados pelo mundo do trabalho. Ao contrário, este prescinde deles e delas. Descarta-os!

Por um lado, o capital financeiro recebe a maior parte dos investimentos dos lucros do capital produtivo. Este, ao final de um período, recebendo dividendos, ao contrário do passado, praticamente deixa de investir na produção, e investe no mercado financeiro, nas bolsas de valores. Afinal, o retorno é maior e sem trabalho.

Por outro lado, ainda no campo empresarial, o capital financeiro é chamado de improdutivo,[[12]](#footnote-12) já que não gera empregos, mas apenas retorno financeiro, o que prenuncia uma redução dos empregos.

Além disso, lembremo-nos da chamada 4ª. Revolução Industrial,[[13]](#footnote-13) aquela que, em essência, mostra a importância da robótica, da internet das coisas, da cibernética. Cada vez mais estudiosos do assunto mostram os efeitos deletérios no campo do trabalho humano, no qual, este é substituído pelas máquinas que quase(?) pensam. Os sociólogos americanos veem com pesadelo esta Revolução Industrial, já que eles têm dados que mostram que, pelo menos, 50 milhões de empregos diretos estão ameaçados pela cibernética, ou seja, mais de 30% dos trabalhadores. E ainda mais preocupante são os dados em nível mundial, que mostram que mais de 400 milhões de empregos deixarão de existir dentro de pouco mais de 10 anos. Os exemplos de indústrias que, praticamente, acabaram com a força de trabalho humana são muitos. E dado que não só o trabalho manual, mas também o gerencial e a supervisão estão sendo motivos de substituições por robôs, e, afirmam os estudiosos, com vantagens para o empregador, muitos estudiosos acreditam que em algumas décadas, teremos desemprego que pode chegar a mais de 40% da força de trabalho.

É claro que isto pode levar a uma redução drástica do nível de vida de milhões de famílias, incluindo falta de moradia e de alimento. E não nos esqueçamos de aí colocar milhões de crianças.

E não nos esqueçamos dos acontecimentos dos últimos anos, aqui no Brasil e também em países da América Latina, Estados cujos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) controlados pelo capital financeiro e pelo capital empresarial. Legislações são aprovadas, mudanças radicais no processo constitucional vão alterando radicalmente os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, inclusive nos direitos previdenciários. [[14]](#footnote-14)

Sabemos que alguns estudiosos, quase que de forma ideológica, não concordam com aquilo que alguns denominam de “fim do trabalho”, que o trabalho existirá e que o trabalho é o elemento constituidor do humano, que com ele constrói e molda o seu mundo.

Mas, então, como fazer?

**4.Ainda é possível a DEMOCRACIA?**

A democracia, na modernidade nasce a partir das lutas da burguesia europeia pelo predomínio numa sociedade que saía do mundo feudal. No mundo aristocrático feudal não há participação do povo na constituição de seu grupo de governantes. É o nascimento aquilo que determina o que o nascituro vai ser na história. Entretanto, podemos dizer que a democracia nada mais é do que o *modus operandi* de ocupar o Estado. É o conjunto de procedimentos dos que, em última instância, querem levar o Estado a ser aquilo para o qual foi criado. Evidentemente que aqui estamos nos afastando do sentido etimológico da palavra *democracia*, dado que o Estado nacional, oriundo da e na modernidade, nada tem de cidade-estado.

Quando a burguesia vence a disputa revolucionária na Inglaterra, no século XVII, o elemento mais forte e fundamental que ela impõe é a constituição de um Estado que não esteja moldado pelos ditames do rei de plantão. É assim que surge o parlamento que temos atualmente, e um poder judiciário ao qual recorrer. E todos os homens e mulheres são chamados a participar, a construir este Estado, a partir da Democracia.

E ao longo desses séculos, mas principalmente a partir da independência americana, de 1774, o povo, mal ou bem, atuava na constituição democrática do Estado. Por isso mesmo Lincoln insistia que a democracia era o governo do povo, pelo povo e para o povo.

Entretanto, hoje mais do que antes, as estruturas do Estado são manipuladas pelo poder econômico, até aquela que alguns acreditavam impoluta: a justiça que, talvez, seja a mais passível de ser construída por interesses outros que não a construção odo direito.

Vejamos o que nos diz R. Rorty:

*“Nós temos agora uma superclasse que toma todas aas decisões econômicas importantes,*

*fazendo-o em total independência em relação às legislaturas e, a fortiori,*

*à vontade dos eleitores de qualquer país determinado.“[[15]](#footnote-15)*

Neste momento, não se tem como coibir a construção do parlamento, no Brasil em suas duas câmaras, a partir do capital financeiro. Mesmo aí onde se constrói uma farsa proibitiva, todos sabemos como fazer para driblá-la, e também todos e todas sabemos quem vai ser eleito(a) nas próximas eleições: aqueles que estão a serviço do capital financeiro e de seus aliados. No Brasil, as chamadas bancadas da Bala, do Boi e da Bíblia.

Assim, o processo democrático serve mais para encobrir a realidade e, portanto, quando estamos indo para as urnas, em outubro, estamos, na verdade, coonestando a farsa. Parodiando uma frase muito citada, temos o melhor Estado e o melhor congresso que o dinheiro pode comprar. “A globalização do sistema econômico enfraqueceu principalmente os instrumentos de intervenção formados num quadro nacional, em particular a capacidade de regulação e de controle das relações entre os atores econômicos por um Estado capaz tanto social quanto econômico de intervenções”.[[16]](#footnote-16) Os dirigentes do Estado perderam sua capacidade de ação a partir do momento em que a economia se tornou global. O Estado de 2010 nada mais tem em comum com seu homólogo de 1936 e com o *new deal*. Hoje ele nem mais pode ser apresentado como peça central do sistema democrático representativo.

Assim, sendo, entendendo tal democracia como um conjunto de gestos pré-moldados que terminam com o “sim” na urna eletrônica (aqui no Brasil), temos que pensar e construir um outro modelo de democracia: a Democracia Participativa. [[17]](#footnote-17)

É necessário aprofundar a democracia com um só objetivo: o ultrapassamento dialético do Estado constituído na modernidade burguesa. O que chamamos normalmente de democracia, na verdade, é um tipo de democracia: a *democracia representativa*. Muitos dos nossos meios de comunicação, de forma muito bem pensada, desenvolveram na consciência das pessoas o conceito de que democracia é sinônimo de eleições. Se estas acontecem normalmente, periodicamente, então vive-se vivendo numa democracia.

É preciso atentarmos para o fato de que esta chamada *democracia* é o cumprimento de determinada legislação, de determinados rituais. Em determinado tempo fala-se demais em política, mostram-se os candidatos, há debates e, ao final, acontece aquilo que normalmente se denomina de “festa cívica”: o momento eleitoral. Os eleitores vão aos locais de votação, depositam seu voto ou escolhem seus candidatos e pressionam a tecla “confirma” de nossas urnas eletrônicas.

Mas o que acontece, depois? O ato de votar faz com que indiquemos que determinada pessoa nos represente, ou seja, entregamos nosso ser político para ela. Votamos e vamos para casa, sem atentarmos que, nessa maneira de viver a democracia, nós damos a quem nós votamos o direito de agir em nosso nome, de ser o político que nós deveríamos ser em tempo real. Nós outorgamos ao eleito(a) nosso ser político e nos transformamos em objeto de suas ações.

Por isso dizemos que, se democracia é, teoricamente, o homem participando como sujeito dos destinos e das ações do Estado, organizando-o a partir de sua ação como cidadão de plenos direitos, é visivelmente necessário o ultrapassamento da democracia representativa. Mais que isso, é necessária a construção de instrumentos e canais de participação que coloquem o mais possível as decisões ao alcance e a partir de todos e todas.

1. ***Fim da modernidade? Restam utopias?***

Dissemos acima que alguns veem no momento presente o fim das chamadas “*utopias da modernidade*”. A Modernidade é a contraposição ao mundo feudal e aristocrático, dominado intelectualmente e ideologicamente pela Igreja. Neste, a razão situava-se mais no campo intelectual, na busca da razão do existir. O método dedutivo dominava o uso da razão.

Com Francis Bacon (1561-1626), a razão é chamada a ser científica, não a partir de um dado estabelecido do qual se tiram conclusões (dedução), mas a partir de dados esparsos que, combinados racionalmente, constroem a verdade indutiva, que tem caráter de maiores descobertas que o dedutivo.

Por isso que Kant vai dar à razão humana um caráter semidivino. Se na pré-modernidade, o humano acreditava chegar ao jardim das delícias, ao paraíso, após a morte, como um dom divino, Kant[[18]](#footnote-18) vai afirmar que o humano já não mais precisa esperar pela morte, porque, com a razão humana, o paraíso terrestre pode e deve ser construído aqui.

A partir dessa fé na razão humana, grupos e pensadores vão pensar fórmulas de construir um outro mundo, diferente deste modelo de vida sofredora. Assim vão surgir as “utopias”, os sonhos, as crenças num outro mundo possível, a ser construído pelo humano racional. Assim com o chamado “socialismo utópico”, pensamento de práticas que visavam dar melhores condições de vida para os operários e suas famílias, que viviam em bairros infectos, e que trabalhavam mais de 12 horas por dia, todos os dias da semana, homens, mulheres e crianças.

Mas foi o socialismo marxista, de Karl Marx e Friedrich Engels, enunciado de forma inicial em seu “*Manifesto do Partido Comunista*”, de 1848, que mais avançou na prática, tornando-se política e visão de Estado com a Revolução Russa de 1917, liderada por Lenin.

Em 1929, para fazer frente ao imenso problema causado pela crise econômica da Bolsa de Valores de Nova Yorque, o presidente Roosevelt, contra toda a Escola de Chicago, apoiou-se no pensamento de J.M. Keynes. Mas ao longo das próximas décadas, países como Suécia, Dinamarca, Noruega assumiram a constituição de uma economia onde o Estado interferia fortemente na constituição de uma situação de bem estar social, principalmente entre os trabalhadores, com a criação de educação e saúde gratuitas, assistência e aposentadorias, e muitas vezes moradia e transporte gratuitos.

Desde o final da 2ª. guerra, os próximos 30 anos foram vistos de forma muito positiva, chamados por isso de “*os 30 anos gloriosos*”, com uma economia que tornava mais fácil a vida dos trabalhadores e trabalhadoras, notadamente na socialdemocracia europeia. Entretanto, a partir da década de 70, todas estas formas alternativas de construir o mundo do trabalho e a constituição de uma vida mais digna à população, foi sendo substituída por formas mais liberais, e no extremo desse pensamento, que é o neoliberalismo.

**6. O parasitário capitalismo financeiro – Capitalismo improdutivo**

A primeira revolução industrial, no século XVIII, gerou o processo fabril através de máquinas movidas primeiro à água, depois ao vapor e em seguida à eletricidade. Todos sabemos que, de certa forma, este foi um dos fatores que levaram ao fim da sociedade feudal rural. A segunda revolução industrial, no final do século XIX, apenas mudou a estrutura do fazer. Já a 3ª. revolução industrial, ao longo da década de 70, muda radicalmente a estrutura do capital, quer em seu gerenciamento quer em seu parque fabril. É a introdução da informatização e as facilidades na comunicação no capitalismo. O que fez com que o capital pudesse localizar as plantas fabris em qualquer parte do globo terrestre, em busca de menores salários, incluindo salários de fome e semiescravidão no sudeste asiático.

A 4ª. revolução industrial, apresentada no Fórum de Davos em 2016, muda radicalmente a relação capital-trabalho. É a introdução maciça da robotização e da cibernética no parque fabril. Aqui já estamos ante uma possibilidade não negada por quem quer que seja, que os trabalhadores, sejam eles do chão da fábrica sejam eles dos escritórios e gerência, estão fadados, em sua grande parte, ao desemprego ou ao sub-emprego.

A partir da década de 70, a partir de tomadas de posição do governo americano, os detentores do dinheiro perceberam que é mais interessante, fácil e lucrativo, aplicar o capital... No capital. Ao investir na bolsa de valores ou em algum outro lugar, o capital assim investido não gera empregos, mercadorias ou produção, a não ser de mais dinheiro. É o que Dowbor chama de “Era do Capital Improdutivo”.[[19]](#footnote-19)

Mas as consequências são muito maiores do que se pode imaginar. Nesta “liberalização da economia”, [[20]](#footnote-20) o desregulamento do setor financeiro, todo o processo de privatização que estamos vivendo, não só no Brasil, a entrega a grupos capitalistas estrangeiros das nossas riquezas naturais, o processo de entrega de bancos, empresas, empresas agropecuárias, bem como a eliminação dos serviços públicos com a entrega da educação, da saúde, da previdência, dos transportes, da eletricidade e telefonia, privatização dos correios, a venda das empresas de água e esgoto, tudo isso veio em função de uma nova forma de equacionar os gastos públicos. É necessária a constituição de um imenso superávit na recepção dos tributos para que este superávit sirva para o pagamento do serviço da dívida. Antes destinava-se às políticas públicas. Agora, ao capital improdutivo.

Além disso, conforme uma das premissas de Hayek e do grupo de Mont Pellerin, há que se ter a redução dos salários e isto se dá, principalmente, pela morte dos sindicatos, pela busca de de-sindicalização dos trabalhadores e eliminação dos direitos que haviam conquistado em lutas centenárias, além de um crescente desemprego.

**7.O planeta Terra e a posição de Francisco**

O atual processo econômico, tendo a razão instrumentalizada a seu favor (DAp 45), produziu um mundo à beira da falência da sustentabilidade. E por mais que se chame a atenção para a situação que pode se tornar ingovernável, o capital parece não entender o extremo perigo que a humanidade vive.

A Modernidade, em sua exaltação da razão humana e de suas realizações, ao longo dos últimos séculos transformou o planeta Terra em fonte inesgotável de recursos inesgotável, principalmente para o capital, que dele se aproveita para o aumento de seus lucros. Ao mesmo tempo, o humano usa o planeta como uma espécie de lixeira.

*“A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado,*

*Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom*

*que deve ser protegido de várias formas de degradação.*

*Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas*

*«nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo,*

*nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades».”(*LS, 5)

Entretanto, somente agora, a partir dos anos 80 que começamos a ter elementos claros de que não só estávamos poluindo o planeta, mas destruindo-o como habitat para o humano. Pelo lado o planeta, há cada vez menos condições de vida digna. Quanto ao ar que respiramos, há cada vez mais a possibilidade de não mais podermos respirá-lo. Os estudos vão cada vez mais demonstrando que temos que parar com a destruição ecológica da Terra, e isto implica em mudarmos, inclusive, a forma de produzir e de consumir.

E o Papa Francisco traz também o pensamento da Igreja sobre o assunto, em sua encíclica “Laudato Si”, extremamente bem recebida pelos intelectuais ligados ao assunto. E duas coisas se destacam em sua leitura. A primeira é chamar a Terra de “Casa Comum”. O segundo ponto, que está praticamente só na fala do Papa, os problemas ecológicos, a crise do nosso Planeta atinge mais e em primeiro lugar os pobres.

Por outro lado, segmentos importantes dos poderes político e econômico mundiais se negam a ouvir a extrema necessidade de mudanças em sua prática e na prática de seus países. Veja-se o presidente dos EUA e os grupos econômicos de presença mundial. Pode parecer muito trágico, mas a verdade é que se nada começar a ser feito, já, para afastar a catástrofe dos povos da Terra, em alguns anos nada mais poderá ser feito.

Hoje já não se tem mais dúvidas de que estamos vivendo o que se denomina *aquecimento global*. Este é, a grosso modo, o processo de aumento da temperatura média da atmosfera, dos oceanos e da própria Terra. Entre as muitas causas, este se dá em função das atividades das pessoas, dos humanos, e, principalmente, em função do modo de produção que temos hoje no mundo, o capitalismo. As emissões de gases que criam o chamado *efeito estufa* estão na origem de tal aquecimento, como o uso de gasolina e de todos os combustíveis tirados da Terra.

Por isso mesmo, neste momento de tamanha gravidade, a própria forma de produção ou sua estruturação deve ser repensada. Afinal, como o diz o Papa Francisco*, o sistema industrial, no final do ciclo de produção e consumo, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e escórias* (LS 23).

Estamos sentindo, já, os efeitos do aquecimento do mundo, da atmosfera, o aquecimento global. A Terra e sua produção serão prejudicadas, bem como nós todos e todas. Praticamente todos os estudos independentes nos mostram que “a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devido à alta concentração de gases com efeito de estufa (anidrido carbônico, metano, óxido de azoto e outros) emitidos sobretudo por causa da atividade humana” (LS 24). No afã de produzir mais e mais valores de troca para atender ao consumismo, as indústrias consomem mais e mais energia, de todas as espécies, e também fazem da natureza um manancial de insumos, de matérias primas. O pior de tudo é que não só se consome a natureza, extinguindo-a, mas também ela é continuamente morta através das sementes transgênicas, dos agrotóxicos, e também de todo o lixo, não só o produzido pelas empresas, mas também pelo cidadão comum.

E o Papa Francisco entra fundo e faz uma análise questionante da grande mudança do agir humano naquilo que podemos denominar pós-modernidade.

*A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no planeta junta-se,*

*hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho,*

*que alguns, em espanhol, designam por “rapidación”.*

*Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. Os objetivos desta mudança rápida e constante não estão*

*necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável,*

*mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração*

*do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade* (LS 18).

Ainda tendo como base as análises em *Laudato Si’*, vemos que as pessoas são afetadas continuamente pelos problemas do meio ambiente, principalmente os pobres.

*A exposição aos poluentes atmosféricos produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e provocam milhões de mortes prematuras* (LS 20).

Além disso, não só pela necessidade de viverem em lugares infectos, também seu trabalho e sua subsistência dependem fortemente das reservas naturais.

*Não possuem outras disponibilidades econômicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáticos ou enfrentar situações catastróficas, e gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção* (LS 25).

Ainda nessa linha, o Papa Francisco afirma que

*este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto “é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade* inalienável (LS 30).

**8.O fim da Guerra Fria e o seu vencedor**

O que nem todos sabem, a 2ª. guerra mundial teve dois vencedores: os EUA e a Rússia, depois União Soviética. A partir da derrota do nazi-fascismo, surgiu uma grande disputa entre os dois vencedores, que nunca chegou ao estado de batalhas, e ficou sendo chamada de Guerra Fria.

Ao longo de 25 anos, que muitos estudiosos chamam de “25 anos gloriosos”, dado o nível de vida das populações, principalmente da Europa. E a disputa se dava nos campos da ciência, da ideologia, e da produção armamentista.

O modelo de socialismo soviético era tido por muitos como uma utopia a ser realizada em seus países, contra o predomínio do capitalismo que expropriava os seus direitos. Assim, o socialismo soviético era o horizonte das chamadas lutas de libertação por todo o mundo.

Entretanto, o chamado paraíso soviético, no qual todos e todas tinham trabalho, educação e saúde gratuitas, aquele império que tinha mandado o primeiro homem ao espaço, Gagarin, vivia problemas enormes quanto à produção de alimento, não fosse o imenso problema da falta de liberdades.

Quando a outra parte da disputa, os EUA e seus aliados na Europa, perceberam os pés de barro do opositor, e suas dificuldades econômicas, iniciou o que se chamou à época “Projeto Guerra nas Estrelas”, ou seja, um projeto que criava sistemas de mísseis de ataque e defesa, bem como de uma rede de mísseis de proteção ao mundo ocidental de mísseis oriundos da União Soviética. Tal projeto, iniciado, visava mais o desgaste econômico do opositor, já em imensas dificuldades financeiras, do que, de fato, ser realizado.

Outro ponto importante na debacle da União Soviética foi o que denominamos 3ª. Revolução Industrial, a revolução da informática. Seu parque industrial, e muito mais, o grupo dirigente, a chamada “*Nomenklatura*”, ou seja, a liderança burocrática do partido, não viu o alcance e também não teve condições de redirecionar as ações fabris.

O resultado foi a crise sem retorno. Gorbachev, o primeiro ministro da URSS, tentou construir caminhos altermativos com a Perestroika (reestruturação) e com a Glasnost (democratização, liberdade de expressão, etc). Mas em 1991 vimos a União Soviética se tornar um passado. Isto fez que podemos dizer que a Guerra Fria teve um vencedor: os EUA. Este, sem oposição, faz o que entende que seja necessário para manter sua visão ideológica e econômica. Ocupa países, cria bases militares onde quer, põe ou tira governantes democraticamente eleitos...

E o modelo mais visível de sua atuação se dá na América Latina que, segundo até documentos oficiais, [[21]](#footnote-21)é considerada “quintal “ dos Estados Unidos.

**9.O fim do sonho socialista na derrota do modelo soviético**

Desde a segunda metade do século XIX vivemos uma disputa ideológica e prática entre os modelos capitalista e socialista na economia. A partir do pensamento de Karl Marx, principalmente em seu conceito-chave de entender a História como a luta de classes, vamos ter sempre, entre segmentos fortes e lideranças dos trabalhadores, a busca da construção do socialismo em lugar do capitalismo opressor. Para isto, a imensa maioria vai ter o socialismo russo e depois soviético como modelo a ser buscado.

Outra possibilidade era a da Social-Democracia vivenciada na Europa, principalmente nos países nórdicos, nos quais o Estado de Bem Estar Social providenciava uma vida mais humana aos seus habitantes, quer na gratuidade da educação, da saúde e da previdência, como na ajuda no campo da moradia, entre outros. Um dos objetivos do grupo norteador do neo-liberalismo foi o de desconstruir o estado de bem estar social.

**10.Da social-democracia ao neoliberalismo – Fim de outra utopia?**

Um dos pontos centrais do pensamento dos neoliberais de Mont Pellerin era o de que a Social Democracia, o Estado ajudando e dando condições de vida mais adequadas à população era, na verdade, anti humano. Dar escola, saúde e previdência gratuitamente era igualar os bons e os maus, era tirar-lhes a possibilidade de crescimento. Assim, era necessário dar um fim à Social-Democracia, a provedora do Estado de Bem Estar Social.

Já dissemos que de 1945 a 1970 tivemos o que alguns chamam de “os trinta anos gloriosos”, período de crescimento do capitalismo e do bem estar dos trabalhadores e trabalhadoras, mormente os que viviam nos estados social-democratas.

Mas com a ascensão de M. Tatcher e, depois , de R. Reagan, entramos no momento histórico de grande e total influência das corporações e dos bilionários na política, em que elas incidem diretamente nos políticos, entre empresários e ocupantes de cargos eletivos. [**Stiglitz afirma que o**](http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/548976-politica-de-austeridade-levara-a-mais-desemprego-e-desigualdade-diz-joseph-stiglitz-premio-nobel-de-economia) sistema financeiro está comprando universidades pelo mundo todo. Há revistas acadêmicas compradas com dinheiro desses grupos. Há compra da mídia do modo clássico e as invasões de privacidade no nível das mídias digitais. No Brasil, grupos como o MBL têm seus membros pagos regiamente em dólares de famílias americanas, como já foi provado.

**11.A ação do FMI, da CIA e dos bilionários americanos**

Quando do processo do “impeachment” da presidente Dilma, e agora nas últimas eleições presidenciais, viemos a saber que grupos de jovens, atuando principalmente nas novas mídias, eram sustentados pelos petrodólares de famílias americanas. Temos não só textos, mas também vídeos que nos mostram isso. O grupo “Movimento Brasil Livre”, MBL, é o mais conhecido, mas existem outros, inclusive igrejas evangélicas cujo nome termina com a expressão “church”.

Mas temos também o conhecimento de que grupos milionários no mundo, principalmente nos EUA, compraram grandes universidades ou conseguiram instituir cursos nas mesmas que validam, explicam e defendem o neoliberalismo , a partir das conclusões de Mont Pellerin. Por isso mesmo, a Escola de Chicago defende com unhas e dentes tal processo político-econômico, sendo dela o economista Milton Freedman, aquele que constituiu economicamente o primeiro neoliberalismo da história, no Chile de Pinochet, causando, inclusive, um terror e um morticínio na esquerda jamais igualado.

Em outras palavras, podemos dizer que os movimentos, tais como o citado do “impeachment”, não são neutros e nem veleidades, mas estruturados e condicionados pelos dólares americanos.

E hoje, aqui no Brasil, já ficou demonstrado claramente, o golpe foi dado para favorecer o capital financeiro especulativo, e teve a mão do FMI e da CIA, e seus dólares.

**12.O individualismo e o consumismo**

É a partir da década de 60 que as chamadas revoluções culturais (lembremo-nos do Maio Francês de 1968) vão trazer no centro das preocupações dos homens e mulheres, a questão do individualismo, a afirmação da subjetividade, a auto-propriedade do corpo, não ao passado e à tradição, a pós-modernidade, etc.

A Modernidade tem no pensamento cartesiano um de seus eixos. A partir de seu “*Cogito, ergo Sum*”, Descartes faz a afirmação cabal para a modernidade que o EU, o Humano, com sua razão infinita, define a verdade e, portanto, define o mundo e o outro. O EU PENSO define o outro como Objeto a ser definido. Por isso dizemos que a forma de vida construída sob o impacto da Modernidade é o “individualismo”.

Por isso, o OUTRO é considerado um impedimento, uma pedra no caminho do EU, e que tem que ser eliminada. Este individualismo, a partir do movimento do pensamento pós-moderno “*e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares.*”[[22]](#footnote-22)

Além das guerras que existem pelos mais diferentes motivos, o individualismo é o que afasta o EU do OUTRO, que, fazendo deste um objeto, não o considera dialogante. Assim, o mundo, que está dilacerado pelas guerras e a violência, está, também moldado por um doentio individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar

O Individualismo também gera uma espécie de vício como saída e resolução do problema: é o consumismo. E nesse caso, economicamente, a atual economia, com o predomínio de um capital financeiro e outro produtivo, colocam em alta, e difundem, uma exacerbação do consumo, o consumismo desenfreado que o mercado incentiva.

**13. Construir o novo? Guerra de civilizações?**

Em seguida à guerra do Kuwait, os EUA invadiram o Iraque, onde ficaram 9 anos, e custou bilhões de dólares e milhares de vidas. Muito embora vivessem numa ditadura, no Iraque havia um nível de vida muito melhor do que nos demais países do golfo.

A invasão americana promoveu a morte de milhares de crianças, um dos motivos pelos quais militantes islâmicos se rebelaram e passaram a criar seus grupos de guerrilha e, depois, se organizaram no ISI, sendo que muitos islâmicos que lutaram contra os EUA no Afeganistão e na Líbia, tornaram-se membros do novo grupo. Em outras palavras parece que [Samuel Huntington](https://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_P._Huntington) tinha razão[[23]](#footnote-23).

**14.O nazi fascismo de volta ao mundo.**

Lembremo-nos as atrocidades que o mundo viveu nas décadas de 30 e 40, provindas das práticas do Nazismo e do Fascismo. Ao final da segunda guerra, chegamos à conclusão de que aquela forma de pensar e de agir estava derrotada por formas mais lógicas e humanas. E assim vivemos por décadas. E eis que agora nos preocupa demasiado o que estamos vendo pelo mundo, principalmente depois do fim da União Soviética, principalmente nas disputas políticas principalmente na Europa mas agora também no Brasil. É a presença de grupos à extrema direita, carregando vestimentas e bandeiras nazi-fascistas. Sem nenhum pejo, concorrem nas eleições, e, em alguns lugares, ganham cadeiras nos parlamentos.

Não obstante sejam os migrantes os principais motivadores desta irracional mudança de atitudes, o que estamos vendo mais é que outros grupos são também motivo da sanha desenfreada dos neo-nazistas: os pobres, os que precisam da presença do Estado para dar-lhes maiores condições de vida. Não é difícil vermos, no dia-a-dia, a presença de tais grupos nazi-fascistas presentes nas mídias que, aliás, eles dominam muito bem. Aquilo que, para alguns de nó pode dar ensejo a vergonha e de redução da capacidade intelectual, eis que vemos continuamente na fala e na escrita de alguns que, aliás, se entendem como superiores ao resto da sociedade.

É um perigo! O seu crescimento e sua presença mais forte na mídia e nas práticas grupais pode nos levar a acreditar em outras décadas de sofrimento e angústia como foram as de 30 e 40.

**15. Crise dos Valores**

A crença no absolutismo do eu cartesiano, munido de uma razão todo-poderosa desaparece, principalmente frente ao sofrimento causado pelas guerras propiciadas pela mesma razão instrumentalizada pelo capital e por um sistema econômico que favorece uma pequena minoria e deixa ao relento uma massa de empobrecidos e miseráveis, ou, no dizer do Papa Francisco, “resto”.[[24]](#footnote-24) A verdade deixa de ser universal ou de ser buscada. Afinal, o eu é o dono da verdade, ou seja, é ele quem decide o que é e o que faz o objeto, ou seja, o outro. Assim, o belo, o valor, a verdade são determinados por uma egolatria vinculada ao mercado.

O individualismo é o ponto-chave para o entendimento da modernidade. O egoísmo e o individualismo eliminam o outro como companheiro de caminhada.

**16. Crise das Instituições**

As instituições construídas ao longo dos últimos 200 anos vão perdendo o significado que tinham e em seu lugar não são colocados, ainda, outros significados. Assim, a família, a paternidade, a maternidade, o ser filho ou filha, a escola, a igreja, tudo é colocado em questão.

Tais instituições eram o centro das certezas que permitiam ao humano manter-se. Entretanto, uma característica da modernidade, hipervalorizada neste momento de crise, é a individualização, a característica que faz o *eu* querer afirmar-se em relação aos demais, afirmando-se em seu próprio caminhar. A individualização faz com que as pessoas se coloquem cada vez mais distantes das instituições que lhe davam segurança e instabilidade.

***17. Crise na relação com o sagrado*.**

E o que dizer da “crise da Alma”, expressão de Morin?[[25]](#footnote-25) Num momento de crise dos valores, no abandono de cada um por si, no comando despótico dos que detém as formas de inculcar a sua verdade e a sua cultura no outro, neste momento surge a crise religiosa, a busca da religião como explicação ou como espaço de socorro e de escondimento frente ao novo desconhecido. O mesmo processo de individualização faz com que o religioso, o sagrado passe a ter inúmeros significados, até discordantes entre si. Dessa forma, a religião e seus signos passam a ser objetos de opção pessoal, individual.

O direito humano, a construção da cidadania e a participação nos rumos do coletivo são conquistas da modernidade em seu processo de construção hegemônica. Assim, democracia, direitos do homem e da mulher, direitos de coletividades antes subalternizadas, são conquistas que só a modernidade conseguiu impor.

Podemos, pois, nos perguntar, se está certo Otto Petras, que, em 1935, afirmou que “o cristianismo, esse movimento impressionante que marcou a história e que foi o mais poderoso formador do nosso planeta, esgotou sua força criadora?”[[26]](#footnote-26)

**RELIGIÃO, IGREJA E POLÍTICA**

Vivemos um momento grave na história do humano sobre a terra, no qual até a própria sobrevivência é colocada em risco. Por razões que procuraremos mostrar, o empobrecimento geral e o desemprego fantástico são construídos por ações descompromissadas com o processo histórico, ou seja, com o acúmulo de toda a riqueza nas contas bancárias e nos paraísos ficais.

Neste grave momento histórico, as religiões cristãs têm que dar a sua palavra, e os cristãos e cristãs têm que se perguntar qual sua responsabilidade nisso tudo, quer seja nas mudanças quer seja nas revoluções. Afinal, cremos que, em determinado momento histórico, para nós, o Pai encarna seu filho para mostrar ao humano o que é ser humano. E este humano está correndo o risco de desaparecer.

Eis nossa responsabilidade!

**A construção do sonho: as utopias**

Vivemos um momento no qual as utopias que nos moviam na construção do Novo, de um novo processo social, político e econômico, de novas relações entre os humanos, deixaram de existir na mente e nos corações daqueles e daquelas que queriam mudar, que queriam construir um mundo melhor.

Os sonhos dos que buscavam as mudanças se baseavam em modelos pensados e construídos a partir do final do século XIX, chamados de utopias, construídas a partir do pensamento moderno, da modernidade, que surgira na derrocada da aristocracia feudal e na chegada ao poder social, político e econômico da burguesia europeia.

O próprio Kant, com sua fé inabalável na razão, afirmara que o humano, com sua razão infinita, construiria o melhor dos mundos, sendo ele mesmo, em vida, o construtor do paraíso terrestre.[[27]](#footnote-27) Era a confiança, a crença no eu burguês, estabelecido como fonte da verdade por Descartes em seu “*Cogito, ergo sum*”.[[28]](#footnote-28) Era a *utopia* de um mundo construído pela razão humana.

Mas, se, teoricamente, o mundo caminhava para o paraíso, a realidade, já no final do século XVIII, nos mostrava que isto não seria tão verdade ao se ver a “vida” dos homens, mulheres e crianças, sob os galpões das fábricas no início da Revolução Industrial, e em suas vidas nos bairros em que viviam (ou morriam), verdadeiras pocilgas. A vida que se via, o sofrimento visível dos operários e suas famílias levaram alguns pensadores, no meio deles alguns cristãos, a pensarem em outra forma de produzir e de viver: eram os socialistas utópicos, como Fourier e Proudhon. Esta foi outra *utopia* que, em alguns momentos e lugares, foi intentada, evidentemente sem sucesso claro.

Até que, em 1848, o pensador alemão Karl Marx e seu protetor Friedrich Engels, em seu *Manifesto do Partido Comunista*, procuraram mostrar que aquela situação era fruto da luta de classes e só seria alterada por esta luta sendo vencida pelos trabalhadores e trabalhadoras, que eram denominados de proletários. A mudança no mundo do trabalho seria também uma realidade no mundo da política e do social. E tal mudança se daria na construção de um novo Estado que, nas mãos dos proletários vencedores, faria construir outra realidade, a partir dos desejos e aspirações dos trabalhadores e trabalhadoras.

Esta foi a terceira *utopia* construída a partir da modernidade, e, ao longo da segunda metade do século XIX e nas primeiras duas décadas do século XX, foi buscada e coordenada pelos chamados “socialistas”, sendo vencedora na Rússia czarista, em 1917, e lá permanecendo por mais de 60 anos, sendo o sonho de grande parte dos trabalhadores e trabalhadoras do mundo todo que, organizados, buscavam construir em seus países, aquela utopia que acontecia na Rússia e depois na União soviética.

Por fim, ao final do século XIX, uma facção contrária aos chamados socialistas que predominavam na Internacional dos Trabalhadores, acreditou que podiam construir o melhor dos mundos via parlamento, via legislações específicas que favorecessem os trabalhadores. Foi criada, assim, uma quarta utopia, aquela que se chamou Social Democracia. Ao final da [II Guerra Mundial](https://www.infoescola.com/historia/segunda-guerra-mundial/), os social-democratas passam a defender e construir o chamado [Estado de bem-estar social](https://www.infoescola.com/sociedade/estado-de-bem-estar-social/). Esta *utopia*, que chamamos de “social-democracia”, perdurou desde o final da Segunda Guerra até a década de 70.

**A disputa das utopias**

O século XX foi o momento histórico da disputa das utopias. Eric Hobsbawn nos mostra isso em seu *A era dos extremos.* *Breve história do século XX*. O título é bastante real em relação ao acontecido (neoliberalismo x comunismo) e o subtítulo nos dá, exatamente, os dois momentos, o do início e o do fim das utopias de esquerda.

O *socialismo comunista*, como proposta real de Estado e sociedade, inicia sua caminhada como realização em 1917, na chamada Revolução Russa, movida pelo pensamento marxista na linha de Lênin. O Palácio de Inverno, em Petrogrado, sede do governo, é tomado pelas forças leninistas.

Mas aquilo que começou como realização da utopia da igualdade total propiciada por um Estado socialista, começou a cambalear, por volta da década de 60. A economia de Estado se mostra com grandes problemas e incapaz de dar vida digna à população da União Soviética.[[29]](#footnote-29) O socialismo comunista vai mal. Muito embora se tenha grandes avanços nas áreas sociais e também na disputa tecnológica, a produção fica cada vez mais aquém das necessidades, os avanços tecnológicos praticamente não existem na produção, além de ser um Estado policial e comandado por uma rede imensa de corrupção dos membros da chamada “nomenklatura”.

Em 1968, em maio, ocorrem as grandes manifestações estudantis, normalmente denominadas “maio francês”. Nesse momento aparece a novidade da crítica, tanto à esquerda como à direita. Os jovens não se sentem representados pela estrutura dos sindicatos e nem pelo processo político. Quem mais sente o impacto é a esquerda que, ao longo do século XX, se tinha como a única forma de viver o contra-capitalismo. Com o “maio de 68”, o mundo cultural e político já não será mais o mesmo.

Na década de 70 vê-se claramente a fraqueza da União Soviética. Com esta visão, o capitalismo, comandado principalmente pelos Estados Unidos, anuncia um avanço em novas táticas e armamentos nucleares. Em verdade, quer forçar a URSS a exaurir suas forças já bastante debilitadas. Com a União Soviética exaurida, em 1989 ocorrem a quebra e o fim do muro de Berlim, o que significa o ponto final do ideal comunista. Este vai finalizar sua queda em 1991, com a desintegração da URSS.

**O fim das utopias de libertação?**

Hoje estamos vivendo um outro momento histórico. Comparando as décadas de 60 e de 90, podemos dizer que aquela foi a década da esperança e esta última, a década do “não há como mudar”. Esta diferenciação é extremamente significativa na forma como se milita.

1. Ontem vivíamos uma forma de fazer política: otimismo, esperança, certeza na frente, história na mão...

2. Hoje, parece que tudo o que estruturamos, pensamos, criamos em nossa luta passada já não tem sentido, ou parece perdida, parece traída...

3. Em alguns ambientes, fala-se, mesmo, do fim da utopia.

Já na década de 60 começaram a aparecer outros movimentos que iam além dos movimentos de classe, econômicos. Apareciam os movimentos culturais, a busca de uma nova forma de viver em sociedade, a partir do atendimento das demandas de gênero, de etnia, etárias etc. Eram demandas que estavam num outro patamar das demandas de classe. A nova sociedade que pleiteavam não era só baseada na eliminação da opressão capitalista. Ao contrário, muitos desses movimentos não colocavam nem as classes e nem o modo de produção no centro de suas preocupações.

Para nós, num continente oprimido, de uma pobreza construída por estruturas injustas, o que nos movia, em última instância, era a possibilidade de construirmos o novo, baseado em acontecimentos e processos que eram muito significantes para os que queriam mudanças. Entretanto, o fim do chamado “socialismo histórico”, em 1989, mostrou-nos que os modelos de ultrapassamento vividos desde o início do século XX não o eram para nós. Mas também não tínhamos outros.

A década de 90 nos viu órfãos de utopias, insistindo a todo momento que a história chegara ao fim, que o capitalismo vencera, e que qualquer busca de mudança era fadada ao fracasso. Ao final da década de 80, com o fim da experiência do socialismo soviético, entra em questão a possibilidade ou a exequibilidade de se construir uma sociedade socialista. O liberalismo, em sua exacerbação com o nome de neoliberalismo, assume, pelos seus defensores, a afirmação de que fora vitorioso na disputa dos dois projetos. Em termos do Pensamento Social da Igreja, assim é feita a reflexão do fim da Guerra Fria na *Centesimus Annus*, de São João Paulo II.

Nada mais há que se fazer, a não ser se integrar e se entregar à mercadoria e ao Consumo?

**Crise epocal ou Mudança de Época**

O Documento de Aparecida e o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* falam que estamos vivendo uma mudança epocal, uma crise epocal ou uma mudança de época. Parece que nada está naquele lugar em que sempre vimos as coisas. No caso da expressão *mudança de época*, o que se quer dizer é que vivemos um momento ímpar na história da humanidade. Não são apenas mudanças ocasionais nos costumes ou nos valores, mas é o próprio humano que está em processo de transformação.

O termo vem de um filósofo alemão, Karl Jaspers,[[30]](#footnote-30) que analisou a importância estrutural e ontológica do início da filosofia, na Grécia, e o período de seu auge, dos séculos VIII ao IV. O pensar filosófico traz à luz a importância do *logos*, da palavra originada pela racionalidade, contraposta ao mito.

*Mudança de época é, pois, essa mudança radical, ontológica*, onde o humano tem de si mesmo uma outra visão. É mais do que uma mudança de valores, de estruturas, de considerações. Altera a concepção que tem de si mesmo e de sua relação com Deus. Se na primeira mudança de época, ocorrida, segundo Jaspers, entre os séculos VIII a IV a.C., houve a separação entre a transcendência e a imanência, entre o mito e a razão, agora estamos vivendo outra grande e radical transformação. Apenas não temos nenhuma certeza aonde chegará.

**Crise no paradigma civilizacional burguês (ou modernidade)**

A expressão *crise no paradigma civilizacional* é sinônima de *crise da modernidade*. Significa que estamos vivendo uma crise de toda uma civilização construída pela burguesia europeia em seu processo de construção de hegemonia, ao longo do segundo milênio da era cristã. Assim, valores, conceitos, estabilidades, tudo entra em crise. E nós nos sentimos perdidos, sem verdades, sem lugares sólidos onde nos situarmos. Estão em crise a família, a verdade, a religião, o Estado, a democracia e, o pior de tudo, o próprio mundo, enquanto sistema vivo que pode morrer, em função do modo de produção estabelecido por esta mesma burguesia em ascensão.

Estamos vivendo tal situação que não podemos mais chamar de momento de crises, de mudanças modulares, localizadas. Nem podemos dizer que estamos vivendo um momento de crise como já fora vivido em outros momentos, ou seja, num processo de crises cíclicas. Ao contrário, a crise que nos atinge é sistêmica! Como dissemos anteriormente, não é uma crise que atinge o momento conjuntural, mas é uma crise estrutural, nos sustentáculos da civilização em que vivemos. A incerteza em que vivemos, em todos os campos, “é o primeiro sentido que encerra o termo *crise*”.[[31]](#footnote-31)

Todo o processo cultural, político e econômico construído a partir da visão moderna de mundo, ou visão burguesa de mundo, entra em crise, no sentido de ser questionada e chamada a se reconstruir em novo paradigma civilizacional.

**ALGUNS SINAIS PARA UM OUTRO OLHAR**

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a OXFAM[[32]](#footnote-32) (entidade de Oxford que combate a fome) divulgaram em janeiro dados alarmantes como resultados das crises financeiras e do capitalismo. Para estes dois organismos, a crise financeira mundial gerou uma inédita concentração de renda, ao mesmo tempo em que criou uma gigantesca massa de desempregados.

E mais! Eis uma parte da análise que a OXFAM fez em 2016:

* Desde 2015, o [1% mais rico](http://www.ihu.unisinos.br/550955-1-da-populacao-global-detem-mesma-riqueza-dos-99-restantes-diz-estudo) detinha mais riqueza que o resto do planeta.
* Atualmente, oito homens detêm a mesma riqueza que a metade mais pobre do mundo.
* A renda dos 10% mais pobres aumentou em menos de US$ 65 entre 1988 e 2011, enquanto a dos 10% mais ricos aumentou 11.800 dólares – 182 vezes mais.
* Nos Estados Unidos, nos últimos 30 anos, a renda dos 50% mais pobres permaneceu inalterada, enquanto a do 1% mais rico aumentou 300%.
* Os lucros das 10 maiores empresas do mundo somam uma receita superior à dos 180 países mais pobres juntos.
* As maiores empresas de vestuário do mundo têm ligação com fábricas de fiação de algodão na Índia que usam trabalho forçado de meninas rotineiramente.
* 5 anos após a crise de 2008, aumentou a desigualdade no mundo. Os ricos estão mais ricos e os pobres mais pobres;
* 10% da população tem em mãos 86% dos ativos do planeta;
* Nos EUA, 95% do crescimento gerado após 2008 ficou nas mãos de 1% da população;
* As 10 pessoas mais ricas da Europa mantém uma fortuna de 200 bilhões de dólares.

A crise da desigualdade global está em nossa vista.

* A distância entre ricos e pobres está chegando a novos extremos. O banco Credit Suisse revelou recentemente que o 1% mais rico da população mundial atualmente acumula mais riqueza que todo o resto do mundo junto.
* Ao mesmo tempo, a riqueza detida pela metade mais pobre da humanidade caiu em um trilhão de dólares nos últimos 5 anos.
* Em 2015, apenas 62 indivíduos detinham a mesma riqueza que 3,6 bilhões de pessoas.
* A riqueza da metade mais pobre caiu em pouco mais de 1 trilhão de dólares no mesmo período – uma queda de 38%.
* Os apologistas do atual modelo econômico e social afirmam que a preocupação com a desigualdade é alimentada pela política da inveja.

Segundo Winnie Byanyima, diretora da OXFAM, a concentração de renda aconteceu por um processo em que a elite levou o processo político a desenhar regras no sistema econômico que a favorecessem.

Estamos, pois, vivendo uma profunda dominação econômica sobre o social. Por um lado, as indústrias produtivas reconhecem que os lucros ligados à produção são muito menores daqueles obtidos pelos “traders” dos grandes grupos financeiros.[[33]](#footnote-33) Por outro lado, “os altíssimos salários, aumentados por toda sorte de primes e outros ‘guarda-chuvas dourados’, constituem uma verdadeira oligarquia formada por aqueles que geram juros globais”. Estes agem cada vez mais com manobras cada vez mais arriscadas.

**Para uns, tudo... Para os demais, a miséria!**

Mudanças ocorridas nas políticas econômicas dos últimos 30 anos, como as decorrentes da desregulação, da privatização, do sigilo financeiro e da globalização, especialmente do setor financeiro, potencializaram a velha capacidade dos ricos e poderosos de usar sua influência para concentrar ainda mais sua riqueza.

Uma rede global de paraísos fiscais permite que os indivíduos mais ricos do mundo escondam 7,6 trilhões de dólares das autoridades fiscais de seus países. Esta rede de paraísos fiscais e da indústria de evasão fiscal que floresceu nas últimas décadas representa um exemplo inquestionável de um sistema econômico manipulado para favorecer os poderosos. Os indivíduos e as empresas mais ricos – os que deveriam pagar mais impostos – são justamente os que têm condições de recorrer a esses serviços de arquitetura global para evitar pagar o que devem.

Essa é também uma situação que indiretamente induz governos de países fora de paraísos fiscais a reduzirem a tributação de empresas e de ricos numa inexorável “corrida para baixo”, que, por sua vez, leva a cortes em serviços públicos essenciais. Essa situação também torna governos cada vez mais dependentes de tributos indiretos, como do imposto sobre valor agregado, que recai, desproporcionalmente, sobre as pessoas mais afetadas pela pobreza.

Esse sistema global de evasão fiscal está drenando a vida de estados de bem-estar social no mundo rico. Ele também priva países pobres de recursos necessários para combater a pobreza, colocar e manter crianças na escola e impedir que seus cidadãos faleçam em decorrência de doenças facilmente curáveis.

Empresas farmacêuticas gastaram mais de US$ 228 milhões, em 2014, em atividades de lobby, em Washington. Quando a Tailândia decidiu emitir uma licença compulsória para uma série de medicamentos essenciais – uma disposição que garante a governos a flexibilidade necessária para produzir medicamentos localmente a um preço bem mais baixo, sem a necessidade de obter a permissão do titular da respectiva patente internacional –, essas empresas pressionaram com sucesso o governo dos Estados Unidos para incluir a Tailândia em uma lista de países que poderiam sofrer sanções comerciais.

Um acontecimento na Índia demonstrou isso. Um vice-presidente de uma multinacional de remédios, das maiores do mundo, foi à Índia apresentar um remédio próprio que poderá curar uma doença que acomete os indianos. Mas o preço era tão alto que alguém lhe perguntou como podia ser isso, se os pobres, os mais atingidos pela doença, não podiam comprar. E o executivo da empresa disparou: “A ... não faz remédios para pobres”.

Em verdade, todos os casos comentados ilustram o como e o porquê esse sistema econômico – o da economia do 1% – está falido. Ele está deixando de atender a maioria das pessoas, bem como ao planeta. Estamos, pois, vivendo uma profunda dominação econômica sobre o social. Por um lado, as indústrias produtivas reconhecem que os lucros ligados à produção são muito menores do que aqueles obtidos pelos *“traders”* dos grandes grupos financeiros. Por outro lado, seus altíssimos salários, aumentados por toda sorte de primes e outros guarda-chuvas dourados, constituem uma verdadeira oligarquia formada por aqueles que geram juros globais. Estes agem cada vez mais com manobras cada vez mais arriscadas.

**O motivo de tanta concentração**

A concentração de renda acima demonstrada aconteceu porque, fazendo do Estado um empregado de seus interesses, a elite o levou a desenhar regras no sistema que a favorecem. Por isso afirma-se que “Governar para as elites significa sequestro democrático e desigualdade econômica”.

Entre as políticas desenhadas nos últimos anos, e que favorecem a minoria, podemos enumerar: desregulamentação e opacidade financeira; os paraísos fiscais; a redução de impostos para as rendas mais altas; os recortes de despesas em serviços e investimentos públicos.

*Ouvindo Francisco*

Em 2013, o Papa Francisco, recém-eleito, publicou uma exortação apostólica de nome *Evangelii Gaudium*, a alegria do evangelho. Neste documento, em seu capítulo II, com aquilo que ele mesmo denomina de “olhar evangélico”, faz uma crítica violenta ao atual sistema econômico. As frases abaixo, retiradas do referido documento, nos mostram a situação violenta em que nos encontramos, neste início de milênio.

Vejamos algumas: “Não à cultura do descartável” (EG 53); “Não à globalização da indiferença” (EG 54); “Não à idolatria do dinheiro” (EG 55); “Não à especulação financeira” (EG 56); “Não ao dinheiro que domina ao invés de servir” (EG 57); “Não à desigualdade social que gera violência” (EG 59). E, ainda, no capítulo II: “a elite determina: a ralé é o resto”, “Não a uma economia de exclusão”; “*essa economia mata!”* .

Tal posicionamento granjeou-lhe inúmeras e violentas críticas, inclusive de setores católicos conservadores. Jornais defensores do modelo vigente não pouparam páginas de críticas. Infelizmente, também no interior da Igreja, ao mesmo tempo em que sua fala ecoava, vozes discordantes e até favoráveis ao neoliberalismo, se faziam ouvir, inclusive em Roma.

Mas, vamos colocar em dados estatísticos aquilo que as palavras do Papa Francisco dizem, a partir do coração e da Palavra de Deus.

**Uma civilização estruturada para matar**

Qualquer pessoa que reflita sobre os imensos problemas e as imensas injustiças que estão grassando pelo mundo, neste momento, não consegue acreditar que, em continuando com isto, o mundo, o humano e a Terra tenham algum futuro.

Em séculos anteriores, os problemas eram menos e, em alguns casos, uma crise localizada, que chegara de forma imprevista, pode dizimar percentuais gigantescos da população. Assim foi com a peste bubônica, nos séculos XIII e XIV, na Europa, que chegou a matar, segundo alguns, a metade da população da época. Entretanto, agora, no século XXI, o mundo não é mais rural, mas urbano.

Três são as grandes tempestades socio-econômicas que podemos esperar:

a. a morte dos pobres, e, principalmente, suas crianças;

b. a imensa disparidade de riqueza;

c. uma Terra que não permita ao humano habitá-la.

a. Com relação à pobreza e à morte, a situação tem, ao mesmo tempo, uma vertente econômica e outra de caráter pessoal, que pode ser identificada pela palavra “egoísmo”. Não obstante as mortes por doenças, e estas também, em sua grande maioria, passíveis de cura, elas atingem a população pobre, de países pobres, e, em seu seio, o maior contingente de atingidos pela fome são as crianças, que morrem aos milhões no mundo todo. De tal maneira que o relator das Nações Unidas para o direito à alimentação, Jean Ziegler, ter afirmado que “todas as crianças que morrem de fome atualmente, morrem assassinadas”.

O relatório da ONU para a alimentação de agricultura (FAO), de 2005, sublinhou que 853 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de desnutrição crônica, ou seja, um em cada 6 seres humanos. Em cada 5 segundos, uma criança com menos de 10 anos morre de fome. Mas a produção agrícola atual poderia, sem problemas, fornecer alimentos em quantidade suficiente para 12 bilhões de pessoas. Eis aí um dos motivos do aumento vertiginoso no número de migrantes, associado àquele causado pelos conflitos inter-étnicos em suas regiões. Eis aí um conjunto de dados que clama aos céus, e exige dos cristãos um agir no sentido de eliminar tal pecado social.

b. Com relação à imensa disparidade de riqueza, há um choque muito grande quando vemos que as pessoas mais ricas do mundo ficam cada vez mais ricas, e os pobres cada vez mais pobres. E essa injustiça aumenta ainda mais. Os dados acima nos mostram isso em números.

Thomas Pikety[[34]](#footnote-34) nos mostra que essa riqueza não vem do trabalho, mas das rendas auferidas no mercado financeiro, das heranças recebidas ao longo do último século. Essas pessoas não trabalham; os especialistas trabalham por elas, e, mediante altíssimos “salários”, fazem suas ações supervalorizarem na área das finanças.

c. Uma Terra que não mais permite ao humano habitá-la foi o grito do Papa em sua *Laudato Si’*. Há mais de 20 anos que estamos ouvindo cientistas nos mostrando que estamos a caminho de um aquecimento da temperatura da Terra e da própria Terra sem precedentes, aquecimento este, fruto da ação humana. Por isso, esse momento histórico é chamado de Era Antropocena.

O próprio Papa Francisco, através da referida encíclica, chamou a atenção para o fato de que os problemas ecológicos, além de poderem destruir toda a vida na Terra, atingem, em primeiro lugar e de forma mais violenta, os pobres. A fome, a falta de moradia e os deslocamentos forçados em busca de um lugar para se ter vida mais digna são fruto de uma Terra que não mais produz, da ausência de água e do aumento da temperatura média.

Mas, apesar dessa perspectiva, não se vê a mínima mudança naqueles e naquelas que mais produzem o fenômeno, a tragédia. Mesmo que ocorram reuniões de nível internacional entre os países geradores dos efeitos, nenhuma ação aparece, nenhum prazo de conclusão de trabalhos é apresentado. Afinal, por que isso vai acontecer, se até figuras de realce no mundo político afirmam serem as reflexões sobre os problemas ecológicos apenas falácias?

As migrações já nos mostram parte, ainda pequena, do imenso problema que já vai se iniciar, em poucos anos: o fim da agricultura em alguns países e regiões, tendo em vista o aumento da temperatura média anual, o fim de países-ilhas e cidades marítimas invadidas pelas águas, fruto do descongelamento das camadas polares e afins.

**O CRISTIANISMO E O NOVO**

***Cristianismo: de ópio a grito da criatura oprimida***

Em seu *Crítica da filosofia do direito de Hegel*,[[35]](#footnote-35)Marx explicita seu conceito de religião. Para ele, “a miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo”. Constantemente, a última expressão é citada fora de todo o corpo do texto, muito mais explicitativo do pensamento de Marx.

Já em *A questão judaica*, Marx, em resposta a Bruno Bauer, desenvolve o tema das religiões judaica e cristã, mostrando, no contexto da época, motivador daquele texto, que as religiões devem se colocar no âmbito do particular, do íntimo, e que viver um processo religioso pela fé é um direito humano.

Marx nunca deixou de ser fruto da modernidade e do iluminismo, muito embora hegeliano. O futuro prometido pela fé religiosa deverá ser substituído pelo futuro construído pelo próprio Homem. Não podemos, sem mais, desenvolver reflexões que coloquem diretamente o marxismo em contraposição com a fé religiosa, coisa empreendida constantemente nos textos pós-marxianos depois de sua morte. De certa forma, é a religião cristã, europeia, que vai se contrapor à Modernidade e à liberdade do homem frente aos fundamentalismos religiosos estruturados em frases de efeito e em dogmas pouco compreendidos.

Recentemente, dois pensadores europeus, de origens e com fundamentações diversas, posicionaram-se frente ao cristianismo em questionamentos acerca do fim da modernidade ou da construção de um novo paradigma civilizacional que venha a suceder o que hoje assim se denomina. Gianni Vattimo e Juergen Habermas, por mais discordâncias que têm em relação à questão do iluminismo e da modernidade, assumem a importância do pensamento e da prática da fé cristã como propulsores de um novo momento civilizacional no qual a ética do Eu-Eu seja substituída pela ética do Eu-Outro. O primeiro, inicialmente declarado católico, em virtude de acidentes nos últimos tempos e de discordância com determinados pronunciamentos das autoridades da Igreja, declara-se católico sem igreja. Já Habermas sempre se declarou um não crente.

Para ambos, o cristianismo tem que ter lugar na construção do novo momento civilizatório, exatamente porque em sua essência está o cuidado com o Outro. Para a base cristã, a existência só tem sentido se o humano se debruça sobre um só patamar ético que se constitui na exigência de amar. Amar, para o cristianismo, é abrir-se totalmente ao outro, seja este outro Deus ou o irmão – “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

Esta expressão ética, que se apresenta como um imperativo categórico kantiano, não é exclusiva do cristianismo,[[36]](#footnote-36) mas nele ela se acrescenta a um dado que embasa toda a prática cristã, qual seja, a relação entre o divino e o humano. Esta relação só existe se é intermediada pela relação-cuidado com o outro. Assim sendo, o cuidado com o outro é, em verdade, a essência do cristianismo. E muito embora este cuidado deva ser universal, aparece sempre a exigência da opção pelo não, por aquele no qual o rosto humano está desfigurado, quer pelo sofrimento, quer pela exclusão. De certa forma, traduzindo em categorias sociológicas o que o cristianismo denomina de Reino de Deus, uma civilização nova não só é necessária, mas também possível, desde que seja estruturada a partir dos que estão embaixo, daqueles a quem são negados os direitos elementares (Mt 5-7).

Nestes termos, na busca do novo, de um novo paradigma civilizacional, e desde que coloquemos o outro como o único ponto de partida deste novo, vemos aí a imensa contribuição da visão de mundo cristã, conforme enunciada brevemente acima. Não, evidentemente, como uma estrutura institucional, não como uma uma expressão de fé religiosa, não como um conjunto de verdades dogmáticas fundamentalistas, mas como uma prática que embase as novas estruturas conceituais. Afinal, desde seu início na sociedade judaica há dois milênios, o cristianismo se apresenta como uma contra-racionalidade, quer seja do eu, quer seja da propriedade, quer seja do poder que o eu se arvora ter. Nada mais próximo das contra-racionalidades que deverão nortear o novo paradigma civilizacional do que a visão de mundo que está no cerne da mensagem e da vida cristãs.

**OS VALORES DO CRISTIANISMO**

Ao longo da década de 90 fomos levados a acreditar que a história havia chegado ao seu cume, ao seu ponto final, a partir do qual não mais se avançaria: o fim da história, com a vitória final da civilização do capital produtor de mercadorias, do valor de troca.[[37]](#footnote-37) Era Hegel sendo reinterpretado, num momento em que pensar diferente do chamado “pensamento único” era não querer aceitar o destino final.

No mundo da mercadoria, o lugar era (e é) ocupado como expressão de um “darwinismo social”, no qual só os mais adaptáveis e com maiores qualidades de vencerem os desafios podem sobreviver. Ao analisar dados e ações pelo mundo todo à época, uma socióloga chega a quantificar os vencedores do processo de inclusão a algo próximo de 4 bilhões de habitantes, fazendo com que os demais 3 bilhões possam ser considerados de massa excluída e lentamente eliminada como refugo do sistema.[[38]](#footnote-38)

Na contramão do fim da história e da vitória do eu produtor e consumidor de mercadorias, há, entretanto, uma forma de ver o momento histórico como sendo o de “uma história (que) apenas começa”.[[39]](#footnote-39) Vemos, com este mesmo autor, que há que se re-pensar a relação entre estrutura e super-estrutura, mormente considerada como ideologia, tão matizada pelo estruturalismo marxista das décadas de 60 e 70. Em verdade, as condições materiais estão dadas, tanto para a consolidação de uma civilização genocida, do homem lobo do homem, mas também para a civilização do eu-nós vivencial,[[40]](#footnote-40) da relação eu-tu dialógica.[[41]](#footnote-41) Cabe ao humano não só decidir, mas agir em função de uma ou de outra.

Por isso mesmo faz-se necessária, ao cristão e aos demais homens e mulheres de boa vontade, a participação efetiva no processo político, não só para a conquista do Estado, mas também para tornar real a forma pensada. É certo que, para os cristãos, o *novo* sempre será buscado, na construção de relações humanas e institucionais que se aproximem sempre mais com o que buscamos significar como Reino de Deus.

***Do eu-eu para o eu-nós***

No presente momento histórico, vemos a modernidade, construída pela burguesia em sua construção de hegemonia, esgotar suas possibilidades, em que pesem os avanços consideráveis para o humano, alcançados ao longo de sua luta pela supremacia e final deposição da visão de mundo aristocrático-feudal. Não se trata apenas de desvios, mas de uma proposta cujos embasamentos alcançaram seus limites. Novos sujeitos históricos exigem novas construções históricas que lhes respondam a seus anseios e aspirações. Estamos, pois, no momento da crise de um paradigma, em processo de construção de um novo, de uma nova visão de mundo, um momento de ultrapassamento dialético em busca de um novo patamar histórico e humano, no qual permanecem assumidos os valores que se constituem avanços nesta direção e são abandonados e substituídos outros que não mais respondem aos novos anseios do humano ou que se constituem em limitantes ao pleno desenvolvimento deste.

O eu cartesiano mostra-se impossibilitado de pensar-se além de si mesmo. O eu cartesiano é o construtor do mundo do eu, já que é o eu que dá sentido ao objeto, mesmo que este seja outro eu. Assim, o eu cartesiano, mas também europeu, burguês, transforma tudo em objeto de conquista. A sua razão não lhe permite encontrar sentido a não ser no sentido que ela mesma dá. Apenas ela é autora do sentido. Ela só pode avançar num processo de construção de mundo ao qual dá sentido, ao qual dá significado. Não há razão fora de si, nada que lhe acrescente valores ou significados. É o Eu que dá os necessários significados e que constrói o mundo à sua imagem e semelhança.

Mas este eu não poderia avançar em sua busca de hegemonia se não lhe fosse acrescentado um adendo que lhe dá humanidade: a propriedade. O eu cartesiano seria apenas um eu pensado no abstrato, se Locke não lhe tivesse acrescentado a essência daquilo que o coloca no contexto humano. É a propriedade que faz o eu cartesiano pertencer ao humano, classificar-se como humano. O mundo não seria de todo moldado à imagem e semelhança desse eu, não fosse o seu rosto determinado pelo ter. Mais que isso, todo espaço construído é reflexo de um continuado solipsismo, de um eu que não reconhece outra existência, senão daquilo que lhe serve como objeto.

Por fim, no extremo da racionalidade, Kant vai apresentá-la como uma iluminação, como a possiblidade de independência da vontade humana, como eliminação dos empecilhos à constituição de um ser livre e sem amarras, detentor de seu próprio destino. Mas como o Fausto, de Goethe, apresentado magnificamente por Bergmann, há limitantes em toda essa reflexão. Toda essa visão de mundo espelha o eu, mas não reconhece nada além de si. É como se a história fosse vivida no interior de uma consciência que não consegue, porque não pode, ver todo um mundo fora de si: o outro.

A impossibilidade de reconhecimento do outro, de sua existência autônoma, com seus significantes e significados, é o ponto extremo da visão de mundo que denominamos modernidade. Assim, não porque não quer, mas porque não pode em virtude de sua essência, responder a uma outra racionalidade que lhe bate à porta, a modernidade encontra-se no esgotamento de suas promessas e no beco sem saída da possibilidade da inclusão do outro (Habermas). Novos sujeitos históricos, restos humanos para os quais a modernidade não tem condições de lhes reconhecer sentidos a não ser o de incluí-los no mesmo ou excluí-los no sem-sentido, são eles que terão que dar um novo sentido, não apenas a si mesmos, mas ao todo humano.

Não se pode esperar da modernidade o que ela é impossibilitada de operacionalizar. Não se pode esperar da racionalidade do eu cartesiano-kantiano ir além de seus limites. Não se pode esperar de um Estado, de uma Democracia, estruturados num arcabouço teórico-jurídico existente para proteger o ter do eu, que incluam o não-ter. Hegel já havia intuído a impossibilidade do novo se originar do mesmo, quando desenvolveu as relações do senhor e do escravo frente à liberdade e à constituição de seu ser.[[42]](#footnote-42) Em continuidade, o educador Paulo Freire[[43]](#footnote-43) vai mostrar como o ponto de partida para a construção do novo é a formação da consciência crítica do outro, quando, a partir de seu lugar social, histórico, existencial, extirpa o senhor que lhe adentrou à consciência e, livre, constrói seu lugar histórico.

***O surgimento do novo a partir do novo***

Retomamos aqui, por instantes, os conceitos de “reformar” e “refundar”. O ponto de partida de nossas reflexões é o que afirma ser o Estado uma estrutura que não atende à maioria dos homens e mulheres que estão sob sua guarda. E isto, por um motivo muito simples: porque mudou o sujeito. Ao longo dos últimos 150 anos, novos sujeitos sociais entraram no processo histórico e buscaram guarida sob o guarda-chuva desta estrutura estatal. Busca infrutífera!

O paradigma estatal parte de um sujeito social em processo de esvaziamento de sua proposta histórica. Este sujeito é portador de uma ética e de uma racionalidade instrumental das quais fez uso nos dois últimos séculos.

Mas, nas últimas décadas:

a) o Estado paradigmático burguês se mostra incompetente para dar respostas aos anseios e às necessidades dos novos sujeitos históricos. Ele se mostra como “a normalidade”, como um modelo a-histórico e neutro. Ao avanço de novas exigências dos novos sujeitos históricos, o Estado atual faz pequenas alterações, pequenas concessões para mostrar-se includente.

b) o modo de produção, um dos pilares do Estado burguês, mostra-se como promotor de um modelo de desenvolvimento genocida e exterminador da vida humana no planeta. E não pode fazer de modo diferente, já que está em sua própria essência do que estamos vivendo e do que estamos esperando vir.

Assim sendo, uma refundação do Estado só se fará a partir daqueles e daquelas que não se entendem sujeitos nas atuais condições políticas. Assumindo com Milton Santos,

*“Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único”*.[[44]](#footnote-44)

Um novo sujeito ou, um conjunto de novos sujeitos sociais se originaram nos últimos dois séculos. Estes sujeitos constituem a imensa maioria da população mundial. A essa multidão de bilhões de homens e mulheres, o paradigma burguês de Estado não mais responde. Além disso, esses novos sujeitos trazem uma nova ética, individual, comunitária e global, a partir de sua cultura e de sua vida de subalternidade e exclusão. Essa nova ética quer substituir o utilitarismo individualista pela ética da alteridade, do cuidado. Por fim, têm-se presente hoje o desvio da racionalidade iluminista promovido pela civilização burguesa, racionalidade destruidora e submetedora da natureza e do outro.

Assim, novos sujeitos sociais providos de uma nova ética e de uma nova racionalidade exigem um novo paradigma. Isto não significa que o Estado a ser buscado seja apenas o destruidor do paradigma presente. Ao contrário, é necessariamente a estrutura que ultrapassa o paradigma anterior, conservando dele o que é universal e substituindo o que não mais responde pelo novo. É um processo dialético no qual a síntese contém elementos da tese e da antítese.

***O retorno do ter ao ser***

Retomemos, sempre, o fato de que o conceito de propriedade, no paradigma civilizacional burguês, é sempre um valor de troca, e, muito embora tal conceito seja ideologicamente construído como algo natural ou inerente ao humano, na verdade era a utilização da mesma palavra com sentido absolutamente divergente do historicamente utilizado.

Assim, no momento histórico em que uma crise dialeticamente poderá levar a outro paradigma civilizacional, é necessário repensar a propriedade da terra, urbana ou rural, não mais como valor-de-troca, mas como valor-de-uso. Necessário se faz, neste momento de crise no paradigma civilizacional construído pela burguesia em ascensão hegemônica, que o conceito de propriedade, um de seus pilares, seja reestruturado. E tal intento é tratado com tanto cuidado, já que este não é um dos pilares da civilização que ora entra em declínio, mas “o” pilar, a base de toda a concepção de Estado, de Democracia, e do arcabouço jurídico que nos rege.

É por isso mesmo que, no necessário ultrapassamento histórico, na construção do novo a partir de novos sujeitos históricos, é necessário, também, que no plano do espaço construído, tenhamos a possibilidade de um outro Estado, que, não tendo a propriedade privada como seu sustentáculo, possa agir como sujeito da re-significação do espaço construído.

Extrapolando a ideia-base de propriedade individual, ressaltar-se-á não só o valor coletivo do espaço construído, mas também os signos que devem estar nele plantados.

**Como conclusão**

A burguesia construiu o mundo à sua imagem e semelhança, como o disse o jovem Marx. Em verdade, naquele momento, ele nem de perto sonhava como, de fato, 150 anos depois, sua expressão seria tão acertada.

A modernidade, como visão de mundo da busca da hegemonia burguesa, está em crise, assim como estão em crise as bases ontológicas de seu pensamento, o seu modo de conduzir a economia, ou seja, o modo de produção capitalista, o Estado constituído a seu serviço e a Democracia representativa como forma elitista de preencher os espaços do Estado.

Crise significa necessidade de ultrapassamento dialético ou, dizendo de outro modo, crise é o momento em que o paradigma vigente “faz água”. O novo virá, por necessidade do próprio devir histórico, em função de que a História não termina, como um dia Marx pensou. E o novo virá dessa disputa de racionalidades dialogais, dessa busca de hegemonia.

No campo da democracia e de seu aprofundamento, rumo ao novo, gostaríamos de usar, ainda, uma expressão utopicamente feliz de Paulo Bonavides: ”o século XXI está fadado a ser o século do cidadão governante, do cidadão povo, do cidadão soberano...”[[45]](#footnote-45) Entretanto, Bloch nos lembra que é a utopia que nos move, sempre. Por isso, construamos a nossa utopia!

O cristianismo é, podemos insinuar, uma utopia, que se consolida no Reino de Deus, afiançado pelo Cristo, pelo Filho de Deus humanizado em nossa carne. Todos os itens que refletimos rapidamente como elementos do novo são características do que prega o cristianismo para as relações entre os humanos e para as estruturas e instituições por estes construídas.

O Reino de Deus, pregado e anunciado por Jesus, não é o lugar do individualismo, mas da doação do eu ao outro. O eu só existe em função do outro. Assim, há que se buscar a construção do *novo* onde o outro seja a razão da existência do *eu*. Além disso, o cristianismo nunca colocou o ter acima do ser. Ao contrário, o ter é criticado quando se fecha em si mesmo. Além disso, o cristão não tem morada definitiva aqui, no velho. Ele sempre intentará construir o *novo* que, para ele, é o lugar do reinado de Deus.

A construção do *novo* só se dará a partir do pobre, do não, do sofredor. E não se construirá para ele, mas a partir dele, de sua ação, de sua busca. Construamos, pois, a nossa consciência e a consciência daqueles e daquelas que serão, conosco, construtores do *novo*!

**Referências**

BUBBER, M. *Eu e tu*. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CASTELLS, M. *Fim de milênio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DESCARTES, R. *Questão do Método*....

DUSSEL, E. Ética da Libertação....

ELIAS, N. *A sociedade dos* indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*.

FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*.

FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GEORGE, S. *O Relatório Lugano.* Sobre a manutenção do capitalismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2002.

*HEGEL, F. Fenomenologia do Espírito*.

HOBSBAUM, E. *Era dos extremos*. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JASPERS, K., *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1971.

KANT, E. *O que é o iluminismo*...

MARX, K. *A questão judaica*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

\_\_\_\_\_\_\_. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORIN, E. *Para onde vai o mundo?* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_. *Rumo ao abismo*.

NOVAES, C. (Org.). *Civilização e Barbárie?* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

OXFAM. <[*www.oxfam.org.br*](http://www.oxfam.org.br)*>*. Acesso em: ...

PIKETY, T. *O Capital no século XXI*.

RIFKIN, J. *A era do acesso*. Makron Books, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_. *O fim dos empregos*. Makron Books, 1995.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA LIMA, A.G. *Os impactos da globalização no mundo do trabalho*. In: <http://web.unifil.br/docs/revista\_eletronica/terra\_cultura/39/Terra%20e%20Cultura\_39-3.pdf>

TOURAINE, A. *Após a crise*. Petrópolis: Vozes, 2011.

**BRASIL:**

*Façamos antes que o povo faça!*

Hipólito José da Costa

O dia 17 de abril de 2016 o Brasil viveu um de seus mas vergonhosos momento. No plenário do Congresso Nacional, homens gritando por seus pais mães, jogando confetes e serpentinas, gritando “tchau”para a Presidenta Dilma que estava sendo cassada por um “impeachment”. Uma vergonha que a chamada elite política do Brasil pudesse se expor a tal ridículo, assim considerado pelo mundo todo.

Motivo de corrupção? Não! Apenas eram citadas algumas falhas documentais, sem nenhum prejuízo para o país. E logo em seguida o vice presidente postou-se de chefe do executivo e... Nomeou um conjunto de corruptos para o ministério, corruptos esses delatados em vários processos.

Mas o mais grave foram as medidas parlamentares que mostram o que ou quem estava por trás de todo o movimento.

1. Uma alteração constitucional que limita radicalmente os gastos com educação e saúde;

2. Uma reforma trabalhista que corta direitos e ações dos trabalhadores e trabalhadoras;

3. Uma ainda não aprovada em definitivo reforma da previdência, que, praticamente, não mais vai deixar trabalhador se aposentar, além de privatizá-la.

**Fim da Educação Pública**

**Fim do SUS**

**Fim da Previdência**

Claro está que o corte nos direitos previdenciários, trabalhistas e sociais são as exigências do capital financeiro, do neoliberalismo, presentes nas conclusões de Mont Pellerin, e apregoados pelos EUA e por suas agências políticas. O golpe brasileiro se inseriu na agenda da Cia e do FMI.

As elites brasileiras, como sempre no transcorrer da história do Brasil, foi o sustentáculo do golpe que, num primeiro momento, as favorecem.

Nossa história ou História das Elites? (paulistas)

1822 🡪 As nossas elites não mais aguentavam estar a mando de um “império” que não mais tinha poder. Éramos nós que o sustentávamos. O grande império do momento era a Inglaterra, a quem as elites queriam se apegar.

1889 🡪 Tínhamos um império de “mentirinha”, já que o imperador nada sabia, nada fazia. Quem mandava eram as elites, e quando as elites paulistas cresceram em valor, devido ao café e destronaram as elites nordestinas, já que o açúcar da América Central substituíra o nosso, as elites paulistas destronaram D. Pedro II e instalaram a república, por elas conduzida.

1930 🡪 Getúlio percebeu que as elites paulistas, que lutaram contra sua posse já que estavam acostumados com a política do café-com-leite, ele se aliou com os trabalhadores.

1932 🡪 E aí, as elites paulistas chamaram o golpe: revolução constitucionalista. E perderam!

1950 🡪 Getúlio não era aceito pelas elites. Procuraram derrubá-lo constitucionalmente, mas os trabalhadores votaram nele maciçamente.

1955🡪 Tentativa de Golpe

1961 🡪 Golpe contra a posse do Vice Presidente João Goulart, tido pelas elites como comunista. Aprovaram o parlamentarismo. Ele tomou posse e o povo retornou, eleitoralmente, ao presidencialismo.

1964 🡪 Finalmente, a elite paulista, ajudada pelos grupos altamente conservadores da Igreja, as elites católicas, tomaram o poder e o entregaram aos militares.

Como se vê, desde 1822 é a elite que toma a iniciativa, indica o campo de batalha e escolhe as armas. Mas e agora? Virá uma outra História? Virão outros valores? Alguns agentes sugerem o confronto, já que a toda ação corresponde uma reação.

O impeachment foi uma reação, um basta, às orientações nacionalistas dos governos Lula e Dilma. Assim, a mudança , o golpe, no Brasil, não ocorreu por obra e graça exclusivas das elites nacionais.

As há também outros motivos, de fundo geo-políticos: fundamentalmente por causa das ameaças ao domínio dos EUA. Afinal, o governo encetou vários projetos que foram vistos como potenciais ameaças à ordem mundial dominada pela única superpotência, vencedora da Guerra Fria:

* **Criação de um país independente, com novas alianças e projetos no plano internacional. Veja-se a criação e a participação do Brasil nos BRICS;**
* **Orientação nacionalista**
* **Integração sul-americana, principalmente com os países bolivarianos;**
* **Aproximação com a África**

Pagamento dos apoiadores e dos “defensores”:A grande mídia recebeu na mesma semana do golpe.

1. A mídia alternativa está morrendo;
2. O congresso recebe tudo o que pede, para votar com o executivo;
3. A justiça assume o golpe pelos imensos salários que recebia e agora com eles nas alturas;

Por um lado, ao saber da vitória na eleição de 2002, Lula imediatamente buscou um congraçamento com as elites, procurando mostrar que suas ações não iriam contra os seus interesses. Ao contrário! E este foi o motivo-conteúdo da famosa “Carta aos Brasileiros”, escrita por José Dirceu para apaziguar e acalmar os donos do dinheiro. Era o resultado da famosa frase: “tudo pela governabilidade!”.

Ao longo de seu mandato governou com uma atenção especial aos trabalhadores e aos pobres, quer seja pelo aumento do salário família, quer seja pelo aumento numérico e de valor do Bolsa Família, indo além até o bolsa escola.

Mas preocupado em não acirrar os ânimos para com os comandantes do dinheiro, não fez as necessárias reformas, que constavam, inclusive, no receituário petista: a reforma agraria, a reforma tributária e a reforma política. Além disso, não procurou organizar os trabalhadores e pobres em torno de um outro projeto de Brasil que permitiria a realização das reformas acima citadas, e outras muito mais.

**Mas há uma outra verdade que nos enche de vergonha:**

**é que tanto a Justiça construiu o golpe, como o Congresso,**

**e mesmo a Polícia Federal e o Ministério Público**

Mas um outro golpe foi dado no ano eleitoral.

Nas eleições de 2014, a presidenta Dilma ganhou por uma margem pequena de votos. O seu opositor, Aécio Neves, desde o primeiro momento desconsiderou a eleição dizendo-a falsa, e representou contra ela.

Por outro lado, sabia-se, tinha-se a certeza de que o ex-presidente Lula seria reeleito nas próximas eleições. Assim, as elites econômicas estavam encarregadas de não permitir a sua candidatura. E nisso estavam acompanhadas pela grande mídia, na qual, quase todos os (as) jornalistas, construtores da “verdade” popular.

Mas a grance farsa foi montada na chamada “Operação Lava-Jato”, à frente da qual foi colocado um juiz fraco de conhecimentos, de jurisprudência e, talvez, de inteligência. E tudo foi organizado a partir, conforme notícias divulgadas, do Departamento de Estado do qual o Juiz citado, Moro, recebeu documentos, principalmente da Petrobrás, que o juiz logo se preocupou de entregar, indiretamente, ao capital internacional.

Em determinado momento, o referido juiz fez aquilo para o qual estava investido: deu voz de prisão a Lula. Chega a ser vergonhoso o texto do juiz, no qual ele afirma, sem vergonha, de que não tinha encontrado provas, mas tinha a certeza do envolvimento e da culpabilidade do ex-presidente.

E Lula foi para a cadeia, onde ainda está. Foi-lhe negada toda a possibilidade de sair e candidatar-se à Presidência. E com isso transcorreram-se as eleições, com as cartas já marcadas.

Estamos vivendo um momento político e social bastante complexo, com um executivo cheio de pessoas acusadas por corrupção, outros ministros e ministras que demonstram pouco conhecimento da pasta que comandam e, fala-se, da influência que determinado senhor, que vive nos EUA , tem sobre o presidente eleito e gente do seu staff.

Além disso, uma mídia que mais desinforma, um Legislativo quase todo ele ligado a interesses não populares, ao contrário: Agora, com o atual presidente, as bancadas do Boi, da Bala e da Bíblia parecem estar a vontade. Vejam-se as medidas tomadas com relação à Amazônia, ao desmatamento, ao agrotóxico e estejamos atentos ao que virá.

Com relação às investida do presidente eleito sobre os grupos evangélicos, é preciso conhecer e estar atentos, já que com tais grupos ele trabalha a postura frente a legislações que estes grupos desejam ver aplicadas A legislação sobre a pose e o uso de armas por todos os que quiserem é um imenso problema ao qual todos e todos estamos vivendo o papel de vítimas.

Assim também com relação ao problema da educação, várias posições têm sido informadas e, quando as propostas começarem a vir ao nosso conhecimento, precisamos pensar sobre o nosso agir frente a tudo isso.

**O GRAVE MOMENTO DA IGREJA**

Em texto do cardeal Ratzinger lemos que

“*Estamos em um ponto de virada enorme na evolução da humanidade. Este momento torna o movimento de passagem da era medieval para os tempos modernos parecer insignificante”*.

Cremos que o texto procura mostrar que estamos vivendo, realmente, um momento de crise jamais visto anteriormente. E ele continua, bastante questionador:

“*A Igreja se tornará pobre.. Os homens, em um mundo totalmente planejado, se verão indescritivelmente solitários. Terão perdido totalmente a visão de Deus,*

*sentirão todo o horror de sua pobreza.*”

**Uma pequena Análise Eclesial**

🡺**IGREJA na Europa**

*Sai o teísmo entra o ateísmo; a religião perde para o secularismo;*

*cai o no. das pessoas que frequentam a****igreja;***

*Igrejas viram lojas, conventos viram hotéis; Não há mais vocações.*

O problema é muito grave, principalmente porque está cada vez mais reduzida a presença de fiéis às celebrações. E isto não se dá por ateísmo, mas os membros da Igreja, em sua maioria, pertencem aos que creem. Apenas a frequência periódica às celebrações e aos sacramentos não mais faz parte do desejo e da necessidade dos fiéis. Assim, as igrejas ficam quase vazias nos momentos celebrativos.

O pe. A.Brighenti, há pouco voltou de Louvaine, onde se doutorou. Durante os anos em que lá esteve estudando celebrava em capela muito bem frequentada por jovens e não tão jovens. Em sua breve visita há pouco, quis celebrar no mesmo lugar, para o mesmo público. E o que encontrou foram alguns idosos, poucos. E onde estava o restante, principalmente os menos idosos?

Como dissemos, muitas das belas igrejas dos séculos passados tornaram-se museus, outras salões de música clássica, e conventos tornaram-se, muitas vezes, “spas”, por falta absoluta de religiosos e religiosas que antes lotavam o lugar.

O Concílio Vaticano II nos infundiu a esperança de que ali nasceria uma Igreja ultrapassando todo um esquema conservador secular e que não dialogava mais, nem no interior, nem com o exterior. Este foi o nosso sonho, o qual pareceu se realizar logo nos primeiros tempos conciliares.

Puro engano! Aqueles que sentiam saudades dos tempos antigos reforçaram-se, e conduzidos por um clericalismo de pompas e circunstancias, buscaram instaurar um retorno aos “bons tempos”. Em outras palavras, começamos a ver e viver um grande processo de reconstrução do antigo, um neoconservadorismo que começou a nos tirar a certeza de que agora a Igreja iria dialogar. Ao contrário, a palavra continua do clero, as deliberações acontecem no clero... E segmentos do clero continuam usando as belas roupas que já não tinham sentido no século XVI. Mas para eles, é sinal de pompa e circunstância, algo incompatível com o Jesus pobre e cuidador dos pobres.

🡺 **IGREJA na América Latina**.

*Conforme o Papa Bento XVI, a A.L é o continente da Esperança e a Igreja latino-americana*

*é a Igreja da Esperança, mas há uma queda assustadora do no.*

*de católicos latino-americanos e crescente aumento dos grupos evangélicos.*

Quando pensamos que o Concílio iria permitir a constituição de uma reconversão da Igreja, na direção de Jesus de Nazaré e de seu Reino, o que vimos, alguns ano depois , foi o retorno à cristandade, inclusive por parte do longo papado de João Paulo II.

Sabe-se que o pontificado de João Paulo II foi muito influenciado por alguns dos fortes movimentos eclesiais presentes na Cúria Romana. Isto fez com que se buscasse e forçasse um endurecimento doutrinal, bem como na disciplina interna. Veja-se a atitude da Cúria com a Teologia da Libertação. Além disso, a mudança na preocupação já da Conferência de Santo Domingo, da qual se tira o poder das conferências episcopais para a construção do tema básico para a colocação do tema sobre Evangelização no Mundo Contemporâneo. De certa maneira, ao se estudar mais a fundo, buscava-se eliminar toda reflexão sobre as mudanças das estruturas econômicas, sociais e políticas, para a construção de uma nova cristandade.

Grave, também, são as proposições acontecidas na Conferência de Aparecida, e expostas em seu documento.

A primeira foi a constatação de que o institucional e as estruturas eclesiais precisam passar por uma **“Conversão Pastoral”(DAp 370().** Note-se que a expressão “*Conversão*” é fortíssima. Significa, mesmo, abandonar o passado e fazer-se atual, segundo as mudanças que ocorreram nas pessoas e no mundo. Converter-se não para ser mais, mas para atender ao apelo do próprio Cristo: a Igreja existe para apontar para o Reino, para levar os católicos a serem sinais visíveis do Reino. Aliás, conversão para que a própria Igreja seja sinal do Reino.

A segunda foi sugerir que as paróquias sejam “Comunidade de Comunidades”, ou uma “R**ede de Comunidades”(**DAp 5.2.2). Vimos que já não responde aos anseios e à cultura contemporânea aquelas instituições como as paróquias, onde os crentes são indiferenciados, não têm nome nem vida própria. E onde o único que fala é o presbítero.

E a Igreja no Brasil assumiu o projeto e até escreveu um documento, o documento 100 da CNBB, “Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia”. Entretanto, nos poucos lugares onde foi estudado o documento, pouco se viu avançar na ideia. Em determinada diocese, um dos leigos que estava presente no momento em que se decidiu aplicar o documento, voltou para a paróquia e ouviu do seu pároco: “*Aqui não! Sou só um*!”

**🡺E no Brasil?**

Segundo o IBGE, o Rio é o estado com menor percentual de católicos no país: 45,8%. Piauí é o estado com o maior índice, de 85,1%.Mas há uma queda no percentual de brasileiros que se declaram católicos, que passou de 73,6%, em 2000, para 64,6%, em 2010. O total de católicos diminuiu em 1,6 milhão de pessoas, de 124,9 milhões para 123,2 milhões em dez anos. Enquanto os números mostram a queda do número de fiéis católicos, o percentual de evangélicos do país passou de 15% para 22%, com mais 16 milhões de adeptos. A porcentagem de brasileiros sem religião também aumentou, de 7,4% para 8%.

Mas vejamos o que nos diz o Documento de Aparecida:

“*Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente,*

*com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar*

*as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé.”(*365)

Porque ultrapassadas? Porque a Igreja que veio até nós, antes do Concílio, foi a Igreja Tridentina, do Concílio de Trento. Este Concílio procurou fazer a Igreja responder a um momento extremamente grave de sua vida, a Reforma, mas foi muito além, já que moldou uma outra Igreja, atenta aos sinais da modernidade. Com Trento a Igreja se estruturou, canonicamente e institucionalmente, para continuar sendo sinal do Reino.

**Trento 🡺Igreja = Clero 🡺 Clericalismo**

Mas já no final do século XIX essa estrutura humana e institucional já estava ultrapassada por causa dos novos sujeitos históricos, das novas estruturas históricas... E a Igreja mantinha-se tridentina. Se em Trento o laicato, analfabeto e frágil, foi objeto da cura pastoral, das preocupações conforme o pensamento de Pio x, por exemplo, mas também do Código de Direito Canônico de 1918, ao final do século XIX e durante primeiras décadas do século XX começamos a ver leigos e leigas vivendo o seu ser igreja com competência e intelectualmente consciente. Veja-se a Ação católica.

Um dos pontos altos da reforma de Trento foi a constituição dos seminários, ou seja, espaços de formação dos presbíteros a serem ordenados. Para entender isso basta dizer que um sem número de presbíteros, principalmente párocos, eram analfabetos e outros eram apadrinhados por bispos seus parentes. Nasce um clero mais capaz intelectualmente, e considerado assim pelos fiéis leigos e leigas, também quase analfabetos. Assim, o respeito ao presbítero é quase um endeusamento do que fala e faz. É o clericalismo.

Nesta situação, o presbítero, o pároco, é a Igreja. É ele que determina até o acender ou apagar das luzes, é ele que chega até a determinar as coisas mínimas para o agir dos leigos e leigas. Quando o leigo ou a leiga têm alguma tarefa, esta é por ele determinada, até na forma em que é realizada. A Palavra de Deus não é lida se não em sua presença.

.Mas até o conservador Pio XII sente que a coisa tem que mudar. Diz ele que o leigo e a leiga têm que entender que não só estão na Igreja, mas que são Igreja.

Alguns temas, a partir do final do século XIX, serão motivo da criação de alguns movimentos que repensavam tudo na Igreja, movimentos esses que deram o tom do Concílio: movimento leigo (principalmente a Ação Católica em suas especificações), movimento litúrgico, movimento bíblico...

**O Concílio Vaticano II** 🡺**IGREJA = POVO DE DEUS**

**🡺 Todos são chamados**

**🡺Cada um em sua vocação, dom do Espírito**

Até que o papa João XXIII chama o Concílio para o Vaticano, que será o 2º. neste local. E dá a ele um rumo mais pastoral, que se evidencia no seu discurso inicial, de abertura. E no que diz respeito ao laicato, tudo muda na Igreja. Inclusive, pela primeira vez na história da Igreja, um concílio discute o laicato e apresenta até um documento sobre ele: “Apostolicam Actuositatem”.

Mas a Igreja que saiu do Concílio saiu em choque de duas visões diferentes. Uma, quer manter tudo como estava antes do Concílio, como se o mundo e os homens e mulheres não tivessem mudado, como se as décadas precedentes não houvessem mudado nada, como se a década de 60 não tivesse existido. Mais grave ainda é não entender que isso veio para ficar.

Para alguns, temos, como Igreja, que forçar tudo o que mudou a voltar aos séculos passados. Aí se incluem aqueles e aquelas que acreditam que o latim é a língua de Deus, e, por isso, as nossas celebrações deveriam ser, todas, naquela língua.

Mas, os sinais dos tempos, ou seja, a presença do Espírito em nós, como comunidade eclesial, nos chama a nos estruturarmos de tal modo que sejamos sinais do Reino, homens e mulheres que agem segundo o Espírito nos chama a agir.

*“Daí nasce na fidelidade ao E.S. que a conduz (a Igreja),*

*a necessidade de uma renovação eclesial,*

*que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais.”*(367)

Por isso, Aparecida insiste em que, em tal momento histórico, faz-se necessário não apenas uma “mudança” nas estruturas e nos discursos, mas uma verdadeira conversão.

*“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de*

*mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.”(*370)

Importante é que todos os problemas que aqui estamos relatando podem ser minorados com a aplicação concreta do excelente documento da CNBB, Doc. 105, “***Cristãos Leigos e Leigas, na Igreja e na Sociedade. Sal da Terra e Luz do Mundo.*** (Mt ) Mas dois problemas existem, e exigem que se falem deles. O primeiro é que os leigos e leigas não estão conscientes do seu “ser sujeito” e se o estão, não tem descoberto fórmulas de fazer avançar o seu caráter de sujeito. O segundo problema é o clericalismo presente no interno da Igreja, no qual os não leigos assumem o prazer de dominar, de dizer a última palavra, de não ouvir os leigos e leigas a não ser quando parabenizam e batem palmas. Aliás, como o diz o Papa Francisco, grande parte dos leigos e leigas, com algum predomínio nas paróquias e comunidades, sentem-se clericais e, portanto, não concordam em deixar o mando, o poder.

Lembremo-nos: temos a fé de que o Espírito nos chama para o Novo, não só para nos constituirmos como Igreja, mas como sinais e construtores do Reino. E nesse sentido, se em algum momento histórico o clericalismo respondeu adequadamente, hoje ele é, absolutamente, o sinal de uma Igreja que não está atenta aos sinais dos tempos. É isso que o papa Francisco nos diz.

*Não podemos refletir o tema do laicato ignorando uma das deformações mais fortes*

*que a América Latina tem que enfrentar – e a que lhes peço uma especial atenção*

*– o clericalismo.*

*[] O clericalismo, longe de impulsionar os distintos aportes, propostas,*

*pouco a pouco vai apagando*

*o fogo profético que a Igreja toda está chamada a testemunhar no coração de seus povos.*

*O clericalismo se esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertence*

*a todo o Povo de Deus, e não só a uns poucos eleitos e iluminados.* “(Carta ao cardeal M.Ouelet)

Em última instância, isto acontece porque as estruturas institucionais não mais dialogam com o homem e a mulher de hoje. Tais estruturas foram criadas para um mundo sem comunicação, com alta carga de analfabetismo. Mas, como nos diz o Documento de Aparecida:

*“Daí nasce na fidelidade ao E.S. que a conduz (a Igreja),*

*a necessidade de uma renovação eclesial,*

*que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais.”*(367)

Por isso, Aparecida insiste em que, em tal momento histórico, faz-se necessário não apenas uma “mudança” nas estruturas e nos discursos, mas uma verdadeira conversão.

*“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de*

*mera conservação para uma pastoral decididamente missionária.”(*370)

**O imenso problema do clericalismo**

Lembremo-nos: temos a fé de que o Espírito nos chama para o Novo, não só para nos constituirmos como Igreja, mas como sinais e construtores do Reino. E nesse sentido, se em algum momento histórico o clericalismo respondeu adequadamente, como na civilização eclesial tridentina, hoje ele é, absolutamente, o sinal de uma Igreja que não está atenta aos sinais dos tempos. É isso que o papa Francisco nos diz.

*Não podemos refletir o tema do laicato ignorando uma das deformações mais fortes que a América Latina tem que enfrentar – e a que lhes peço uma especial atenção – o clericalismo. [] O clericalismo, longe de impulsionar os distintos aportes, propostas, pouco a pouco vai apagando o fogo profético que a Igreja toda está chamada a testemunhar no coração de seus povos.*

*O clericalismo se esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertence*

*a todo o Povo de Deus, e não só a uns poucos eleitos e iluminados.* “

(Carta ao cardeal M.Ouelet)

Assim dizendo, o Papa Francisco nos chama a atenção para o grande problema da Igreja, hoje, e para a grande solução que pode e deve ser buscada: a eliminação de todo clericalismo, seja nos ordenados seja no laicato.

O NOSSO AGIR

**AGIR COMO E NA IGREJA**

Ao se analisar alguns seminários e seminaristas, vemos que algo pode não estar bem. Muitos vestem-se como se já fossem ordenados, numa clara demonstração de que as vestes são mais importantes do que a ação pastoral. Também o carreirismo já foi criticado pelo Papa Francisco: *“ Por favor, isto como irmão, como padre, como amigo; Por favor, fujam do carreirismo eclesiástico, que é uma peste. Fujam disso.”* (1.4.17)

Também no laicato, apesar do crescimento da identidade e da missão dos cristãos leigos e leigas na Igreja e no mundo, ainda há um longo caminho a percorrer.

*“A tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do batismo e da confirmação, não se manifesta de igual modo em toda a parte: em alguns casos porque não se formaram pra assumir responsabilidades importantes, em outros por não encontrarem espaço nas suas igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir, por causa de um excessivo clericalismo que o mantém à margem das decisões.” (EG, 102)*

Talvez seja necessária a lembrança de uma frase de Pio XII sobre o laicato:

*“Os fiéis leigos estão na linha mais avançada da Igreja: por eles a Igreja é o princípio vital da sociedade humana. Por isso, especialmente, eles, devem ter uma consciência cada vez mais clara, não somente de pertencer à Igreja, mas de ser Igreja.* “

E agora, décadas depois, temos que ir muito mais longe, na necessidade de sermos mais exigentes, dadas as condições histórico-eclesiais que vivemos.

Neste momento histórico, se a Igreja quer dialogar com o mundo e com a história, isso deve ser feito a partir do laicato. O laicato tem que descobrir aí a sua missão fundamental. Até aqui, quem falou pela Igreja, quem decidiu pela Igreja, foi o clero, foi a hierarquia. Mas nesse momento, se os leigos e leigas não se assumirem como sujeitos eclesiais, se não se assumirem com a Palavra da Igreja, a Igreja não mai dará respostas adequadas ao mundo.

Anteriormente narramos o caso de que o pároco não quis fazr de sua paróquia uma rede de comunidades, porque argumentou que ele era um só. E o leigo calou-se quando, na verdade, era ele e os seus irmãos leigos e leigas que estavam sendo chamados a criar a rede de comunidades. Mas ele não entendeu que sua palavra valia alguma coisa.

Eis aí o grande problema de um laicato que, acostumado a ser objeto da cura pastoral, desconhece o que é ser sujeito eclesial e o como fazer para sê-lo. Assim, o primeiro ponto para fazer com que a Igreja dê respostas adequadas ao mundo no qual está inserida, é buscar fazer com que o leigo e a leiga assumam verdadeiramente o caráter de sujeitos eclesiais, dentro do institucional.

Afinal, como o disse bem o teólogo Comblin:

**“Fora do *laicato* a Igreja não tem salvação.”**

**CONSTRUIR OUTRO MUNDO, OUTRA HISTÓRIA**

O nosso Agir aqui refletido tem que ser pensado a partir do organismo ao qual pertencemos, é evidente que um agir individual, a partir de nossas concepções pessoais e nossas análises é muito bom e deve ser encetado.

Mas aqui o fazemos a partir de nossa presença no VII ENCONTRO NACIONAL DO LAICATO DO CNLB. E pensemos, primeiramente, no agir como cidadãos num mundo retratado no VER definido como “O Grave Momento Histórico em que vivemos”, no início deste texto. E para isso, muito embora já tenhamos dito que as ações podem ser individuais, entretanto vamos propor que as façamos através do nosso organismo.

1. **Grupos de Fé e Cidadania**

O nosso agir tem que vir a partir de fortes e profundas análises do momento presente. Daí a importância dos chamados “Grupos de Fé e Cidadania”, os quais entendemos como grupos de cristãos leigos e leigas, de determinada região que, chamados pelo Conselho, se reúnem periodicamente ara analisar, discutir, e encontrar formas de ação frente aos desmandos, à fome, à falta de participação do povo naquilo que lhe diz respeito.

Este grupo não pode ser partidário e nem fechado em si mesmo. Nem mesmo olhar e analisar somente aquilo que acontece em sua paróquia ou município. Viver a cidadania é buscar a participação política. Os grupos de fé e política pensam soluções para os problemas e devem encontrar meios de fazer chegar seu pensamento até as autoridades.

**b. Escolas de Fé e Cidadania**

A Escola de Fé e Cidadania é um agir que vai além das reflexões dos Grupos de Fé e Cidadania. É um espaço de formação, com temas mais específicos e com professores e professoras com maior experiência. Não é escola para quem quer entrar na política, Mas para quem quer entender melhor os mecanismos do processo político.

Dada a sua especificidade, cada turma da escola pode ter a duração de um ano ou mais.

1. **Curso de Doutrina Social da Igreja**

Cada vez mais a Doutrina social da Igreja, ou mais propriamente o Ensino social da Igreja tem sido visto, p4lo seus princípios, como um contraponto fundamental aos sistemas econômicos que oprimem o homem e a mulher de hoje, principalmente o liberalismo econômico capitalista.

Assim, seria de todo muito bom que em cada diocese, o Conselho Diocesano de Leigos e Leigas promovesse um curso de Doutrina social da Igreja, do qual o CNLB tem material a oferecer.

1. **Grupos de Acompanhamento do Legislativo**

Estar presente nas seções dos Legislativos, principalmente nas Câmarar Municipais, é uma forma de:

1. Conhecer o que lá acontece;
2. Entender os projetos que lá são aprovados e a quem interessa;
3. Ouvir os discursos dos parlamentares e entender sua vis]ao de mundo ou a serviço de quem estão, ou suas práticas em plenário.

Por isso mesmo, em muitos municípios, grupos de cristãos leigos e leigas criam as chamadas **“Comissões de Acompanhamento do Legislativo”**. Não são necessários muitos membros, mas é necessário que tal comissão mostre pra a cidade o que lá acontece. E hoje, com a internet, nada mais fácil do que “*por a boca no trombone*”.

1. **Construir a Democracia Participativa**

O Documento 105 da CNBB, “Cristãos Leigos e Leigas, na Igreja e na Sociedade”, cita, entre os areópagos de ação de ação necessária dos cristãos leigos e leigas o que ela chama de “Políticas Públicas”, ou seja, a Igreja no Brasil insiste em que os leigos e leigas devem participar dos Conselhos Municipais Paritários, ou seja, dos Conselhos Municipais de Direitos ( de educação, de saúde, da mulher, acriança e do adolescente, do idoso, do meio ambiente, etc). Veja-se que este é o tema da Campanha da Fraternidade deste ano.

Em outras palavras, para a CNBB a Democracia Represent5ativa tem seus valores, evidentemente, mas não estão esgotadas todas as possibilidades de viver a democracia. Por isso chama os cristãos leigos e leigos a participarem dos conselhos acima citados.

E é fundamental que o Conselho de Leigos e Leigas da Diocese crie grupos de 4estudos e forme cristãos leigos e leigas para tal inserção.

1. [↑](#footnote-ref-1)
2. KANT, I., “Resposta à pergunta: Que é o iluminismo? (1784), visto em http://www.lusosofia.net/textos/kant\_o\_iluminismo\_1784.pdf [↑](#footnote-ref-2)
3. DESCARTES, R., “Questão do Método”, [↑](#footnote-ref-3)
4. Documento de Aparecida, no. 45 [↑](#footnote-ref-4)
5. LIOTARD, J.F., “A Condição Pós Moderna”, Ed. Gradiva, s/d [↑](#footnote-ref-5)
6. BAUMANN e BORDONI, “Estado de Crise”, Ed. Zahar, 2016 [↑](#footnote-ref-6)
7. . *Idem*, p. 23. [↑](#footnote-ref-7)
8. Texto extraído de estudos feitos para a composição do Doc. 91 da CNBB. [↑](#footnote-ref-8)
9. . FRANCISCO. *EG*, n. 52. [↑](#footnote-ref-9)
10. . RIFKIN. *A era do acesso*; ID. *O fim dos empregos*. [↑](#footnote-ref-10)
11. . SOUZA LIMA. *Os impactos da globalização no mundo do trabalho*. [↑](#footnote-ref-11)
12. DOWBOR, L. “O Capital improdutivo”, ... [↑](#footnote-ref-12)
13. SCHWAB, C., “A Quarta Revolução Industrial”, [↑](#footnote-ref-13)
14. Ver apresentação de C.Sanson sobre o livro acima citado em http://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/apresentacoes\_palestrantes/30\_05\_17\_cesar\_sanson\_revolucao\_4.0.pdf [↑](#footnote-ref-14)
15. “*Philosophy and social hope*”, citado por Bordoni em “*Estado de Crise.”*o.c. [↑](#footnote-ref-15)
16. . TOURAINE. *Após a crise*, p. 28-41. [↑](#footnote-ref-16)
17. CNBB, Doc. 105, 258-266 [↑](#footnote-ref-17)
18. KANT, I., “O que é o Iluminismo?”, texto que pode ser copiado em www.lusosofia.net [↑](#footnote-ref-18)
19. DOWBOR, L. “Era do Capital Improdutivo”, 2017, Editora Autonomia Literária [↑](#footnote-ref-19)
20. CASANOVA, P.G., “Globalidade, neoliberalismo e democracia”, em “Globalização Excludente”, Editora Vozes, 3ª. ed. [↑](#footnote-ref-20)
21. HARWEY, D., .... [↑](#footnote-ref-21)
22. PAPA FRANCISCO, Evangelii Gaudium [↑](#footnote-ref-22)
23. HUNTINGTON, S. “"Choque de Civilizações e a Reconstrução da Ordem Mundial", [↑](#footnote-ref-23)
24. . FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 52. [↑](#footnote-ref-24)
25. . MORIN. *Rumo ao abismo*, p. 27. [↑](#footnote-ref-25)
26. . Citado por NOVAES. *Civilização e barbárie?*, p. 17. [↑](#footnote-ref-26)
27. . KANT. *O que é o iluminismo*. [↑](#footnote-ref-27)
28. . DESCARTES. *Questão do método*. [↑](#footnote-ref-28)
29. . CASTELLS. *Fim de milênio*, p. 29-94. [↑](#footnote-ref-29)
30. . JASPERS. *Introdução ao pensamento filosófico*. [↑](#footnote-ref-30)
31. . MORIN. *Para onde vai o mundo?*, p. 19. [↑](#footnote-ref-31)
32. . Ver em: <https://www.oxfam.org.br/?gclid=CIG6s42G29ICFc9XDQodTDsKFQ>. Acesso em: [data] [↑](#footnote-ref-32)
33. . *Idem*, p. 36. [↑](#footnote-ref-33)
34. . PIKETY. *O capital no século XXI*. [↑](#footnote-ref-34)
35. . P. 146-147. [↑](#footnote-ref-35)
36. . DUSSEL. *Ética da libertação*. [↑](#footnote-ref-36)
37. . FUKUYAMA *O fim da história e o último* homem. [↑](#footnote-ref-37)
38. ## . GEORGE. *O Relatório Lugano*.

    [↑](#footnote-ref-38)
39. . SANTOS. *Por uma outra globalização*, p.179. [↑](#footnote-ref-39)
40. . ELIAS. *A sociedade dos indivíduos*. [↑](#footnote-ref-40)
41. . BUBBER. *Eu e Tu*. [↑](#footnote-ref-41)
42. . *Fenomenologia do espírito*, p. 189-196. [↑](#footnote-ref-42)
43. . *Educação como prática da liberdade*. [↑](#footnote-ref-43)
44. . SANTOS. *Por uma outra globalização*, p. 14. [confere?] [↑](#footnote-ref-44)
45. . BONAVIDES .. [↑](#footnote-ref-45)